

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-CFH
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO-IEG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

**A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES
EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE DOS ALUNOS.**

CLEITON MANOEL FERREIRA

Florianópolis

2016

CLEITON MANOEL FERREIRA

A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM
RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE DOS ALUNOS.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora Dra. Flávia de Mattos Motta

Florianópolis
2016

Ferreira, Cleiton Manoel

A homossexualidade na escola: percepção dos professores em relação a homossexualidade dos alunos / Cleiton Manoel Ferreira ; orientador, Flávia de Matos Motta - Florianópolis, SC, 2016.

59 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Curso de especialização em gênero e diversidade na escola.

Inclui referências

1.Educação. 3. Pós graduação. 4. Diversidade e gênero. 5. Homossexualidade. I. Motta, Flávia de Matos . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de especialização em gênero e diversidade na escola. III. Título.

CLEITON MANOEL FERREIRA

**A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS
PROFESSORES EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

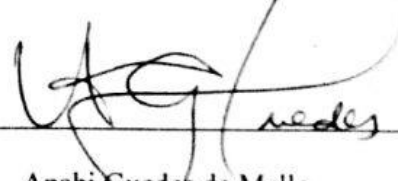
Banca Examinadora:



Flávia de Mattos Motta



Ana Paula Garcia Boscatti



Anahi Guedes de Mello

Este trabalho é dedicado aos meus colegas de classe e aos meus queridos pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao **ser supremo** pela capacidade e disponibilidade de aprender com as diferenças, com os outros e assim me tornar um ser humano melhor.

Agradeço aos **meus pais** pelo incentivo constante em qualquer empreitada que tive ou tiver.

Agradeço aos mestres, educadores e convidados do **Curso de Gênero e Diversidade na Escola (GDE)** que com sua contribuição, cooperaram com minha formação nesta especialidade.

Agradeço aos meus colegas da **Turma Ângela Davis** por tonar esta caminhada mais leve e divertida.

Agradeço a minha orientadora Professora **Dra. Flávia de Mattos Motta** por sua atenção a minha pesquisa.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinta e

criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”*
(Paulo Freire)

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da
busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da
alegria.”*
(Paulo Freire)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar o conhecimento e a relação dos professores do ensino fundamental (anos iniciais e finais) sobre a homossexualidade de alunos da rede de ensino público. O tema é tratado com grande receio nas escolas, os professores considerem o tema importante, mas não possuem o conhecimento específico para poder explicar o assunto no âmbito escolar com confiança e credibilidade. Pesquisas bibliográficas sobre a homossexualidade e os temas transversais que envolvem este tema na educação serão usadas como alicerce da pesquisa. O palco desta pesquisa é a escola e através dela será explorada a estrutura pedagógica, bem como o conhecimento que os docentes têm sobre o tema. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas, respondidas por oito professoras da rede de ensino público do município de São José-SC. Através desta pesquisa diagnosticamos que a rede municipal de ensino transmite capacitações aos professores, bem como o conhecimento prévio do assunto e preparo dos que já estão atuando em sala de aula.

Palavras-chave: Homossexualidade. Docentes. Escola.

ABSTRACT

This research aims to identify the knowledge and relationship of elementary school teachers (initial and final years) on the homosexuality of students in the public school system. The subject is treated with great fear in the schools, the teachers consider the subject important, but do not have the specific knowledge to be able to explain the subject in the scope of the school with confidence and credibility. Bibliographical research on homosexuality and the cross-cutting themes that involve this theme in education will be used as foundation for research. The stage of this research is school and through it will be explored the pedagogical structure, Beyond the knowledge that teachers have about the subject. The data were obtained through interviews, answered by eight teachers from the public school system of the municipality of São José-SC. Through this research, we diagnose that the municipal education network transmits capacities to the teachers, as well as the previous knowledge from the theme and preparation of those who are already acting in the classroom.

Keywords: Homosexuality. Teachers. School.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Quadro 1 – Características gerais das entrevistadas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

LGBTs– Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

SUMÁRIO

Sumário

1	INTRODUÇÃO	13
2	PESQUISA DE CAMPO: MÉTODO, LOCUS E SUJEITOS DA PESQUISA.	19
2.1	AS ESCOLAS E AS ENTREVISTADAS.....	20
3	A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA SEGUNDO PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DE SÃO JOSÉ.	22
3.1	A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA.....	23
3.2	PROFESSORAS FRENTE AO TEMA DA HOMOSSEXUALIDADE	27
3.2.1	Sobre as fontes de suas informações.....	27
3.2.2	Sobre se sentir preparada e a busca de formação.....	31
4	O CHÃO DA ESCOLA: A PRÁTICA E A HOMOFOBIA SEGUNDO AS PROFESSORAS	33
4.1	COMO OS PROFESSORES ENFRENTAM A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA	33
4.2	A HOMOSSEXUALIDADE E A HOMOFOBIA SEGUNDO OS PROFESSORES.	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
6	BIBLIOGRAFIA	53
7	ANEXOS.....	56

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade no ambiente escolar foi por muito tempo negada, e seu estudo ocluso. Frequentemente, mesmo quando a escola se propôs a abordar a sexualidade, o fez sob o prisma do biológico, da reprodução humana e dos órgãos genitais, temas timidamente abordados nas aulas de ciências. Em tempos mais recentes, resultado de uma mudança significativa no comportamento social, a escola se vê perpassada, de um lado pelas pressões de influências mais conservadoras sobre essas questões, e de outro lado em meio aos movimentos e políticas de reconhecimento da diversidade sexual, tais como as ações de grupos militantes requisitando seus direitos e lutando contra um preconceito que até então era pouco conhecido, a homofobia. Para Felipe Fernandes a homofobia surge como categoria em meados de 1960. Sendo criada pelos próprios sujeitos homossexuais

Criada pelos próprios sujeitos das homossexualidades, esta categoria emerge em um momento histórico em que a homossexualidade estava sendo deslocada de uma posição ligada às dimensões do pecado e da doença para o lugar de uma “homossexualidade política”. (FERNANDES, 2012, p. 98)

As sexualidades normativas estiveram sempre ao longo da história longe da escola, silenciada e sob controle. Segundo Capra e Bergamo: “A condição da mulher no Brasil colonial era muito difícil, tinha de enfrentar os preconceitos e tabus trazidos pelos colonizadores portugueses”. (CAPRAS & BERGAMO, 2010, p. 2). Falar sobre sexualidade era algo abominável, pecaminoso e imoral. Ao vislumbrarmos a história da nossa sociedade heteronormativa podemos ver que a mulher foi vista pela sociedade como objeto de prazer aos homens, instrumento para trazer ao mundo seus herdeiros.

Também a homossexualidade esteve historicamente sob tabus no Brasil. Somente na década de 70, quando houve uma grande e significativa revolução dos costumes culturais, uma nova visão sobre o prazer sexual saía do “armário”¹. Segundo Simões:

¹ Termo sair do armário. É uma expressão que descreve o anúncio público da orientação sexual ou identidade de gênero de alguém ou de si próprio.

Grupos de militâncias vieram à luz, no Brasil, no final dos anos de 1970, no embalo do grande movimento de oposição à ditadura militar, trazendo à cena pública o anseio de que a homossexualidade, como toda forma de amor e desejo, pudesse ser vivida e exaltada sem restrições. Na década seguinte essa disposição ativista definhou, e a chama libertária que a tinha inspirado ameaçava aniquilar-se de vez em meio ao rastro de intolerância, violência e morte deixado pela epidemia de HIV/AIDS. (SIMÕES, 2005, p. 13)

Não obstante uma maior visibilidade da homossexualidade e alguma ampliação da tolerância à diversidade sexual, estamos longe de podermos falar em inclusão. Especialmente nas escolas. Hoje podemos ver nos veículos midiáticos o número de adolescentes praticando o suicídio em decorrência da sua própria sexualidade. Não é difícil entender essa situação, basta olhar o peso que estes levam sozinhos quando se deparam com uma sociedade preconceituosa e uma família conservadora aos costumes de uma base fundamentalista. Tanto na sociedade em geral, na internet e na escola esses jovens são vítimas de exclusão, assédio e *bullying* (HERNÁNDEZ, 1999). Para Hernandez:

Situações como a primeira experiência de atração pelo mesmo sexo, a escuta de comentários homofóbicos, a hostilização verbal e ataques físicos podem levar à depressão, à baixa autoestima, ao ódio contra si próprio, à frustração, à confusão sobre o que fazer a níveis altos de stress por manter o "segredo", ao isolamento e a pensamentos sobre a morte. (HERNÁNDEZ, 1999, p. 4)

O tema é frequentemente abordado nas redes sociais e mídia. O jornalista Alexandre Parrode publica no jornal Opção a reportagem: Rejeitado pela família, jovem gay de 16 anos se mata em SP. Ele cita o desabafo do amigo do jovem que cometeu suicídio:

O garoto sempre alegre e sorridente travava uma guerra dentro de si, pois vivia cercado dentro de sua própria família por seres desumanos que o reprimiram e não aceitavam sua diferença sexual, se enforcou buscando na morte uma paz de espírito que não conseguia encontrar”, relatou o amigo. (PARRODE, 2015)

O caso desse garoto é paradigmático. Não é raro a família rejeitar o próprio filho quando assume a sexualidade. De acordo com Daniel Borrillo, diariamente estamos expostos a uma chuva de informações que levam o ser gay a ser inferiorizado:

Crime abominável, amor pecaminoso, tendência perversa, prática infame, paixão abjeta, pecado contra a natureza, vício de Sodoma: tantas designações que durante séculos serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Relegado ao papel de marginal ou excêntrico, o homossexual é tido pela norma social como bizarro, estranho ou disparatado. Como o mal sempre vem de fora, na França, por exemplo, qualificou-se a homossexualidade de “vício italiano”,

“costume árabe”, “vício grego” ou, ainda, “costume colonial”. O homossexual, assim como o negro, o judeu ou o estrangeiro é sempre o outro, o diferente, aquele com o qual qualquer identificação é impensável. (BORILLO, 2009, p. 15)

As famílias simplesmente rejeitam aqueles que “traem” suas expectativas quanto à identidade de gênero e à sexualidade. Essas expectativas são construídas desde a gestação, às vezes antes, no planejamento de um/a filho/a. Podemos começar pelos padrões estabelecidos na gravidez “menino ou menina”, “roupa azul ou rosa”. Tantos padrões para um ser que ainda não nasceu. Quando se descobre o sexo biológico da criança a família espera ansiosamente. Ao nascer, a criança é tratada com todos os padrões que para ela foram estipulados. No momento de socialização com o mundo, ela aprenderá o que deve fazer e o que não deve. “menino com carrinho e menina de boneca”, “menino jogando futebol e menina “pilotando” uma cozinha de brinquedo”. Analisando esses padrões, não é difícil de entender que, quando pequenos, somos sujeitos a um condicionamento de regras machistas, ditadoras e de poder de um gênero sobre o outro. (VIERA & PIRES, 2015, p. 14) Afirmam que os gêneros são constituídos como resultado de performances, onde não há existências em si, mas sim realidades construídas a partir de contextos que são naturalizados.

Guacira Lopes Louro descreve na pedagogia da sexualidade as identidades que possuímos quando nascemos, regradas de acordo com cada gênero. Segundo ela a sociedade:

[...] Considera, que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua menção social e política ou a respeito de seu caráter construtivo. A sexualidade seria algo dado pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente da mesma forma. (LOURO, 1999, p. 8)

Louro retrata a sexualidade de forma natural onde todos tem o direito de ser quem realmente são, com os mesmos direitos e deveres.

Com o tempo, a criança se torna adolescente e começa a se conhecer, a perceber que seus desejos não condizem com os dos seus colegas e os atribuídos pela família. Sofrendo assim uma pressão psicológica no seu mundo interior, carregando o peso que a sociedade durante seus primeiros anos impôs. Para (HERNÁNDEZ, 1999, p. 5) a família é o suporte mais importante que um individuo no

período inicial da vida tem, diante da importância da mesma, muitas vezes ela não está preparada em receber a notícia que um filho ou filha seja homossexual. O choque da descoberta pode criar crises emocionais, hostilidade e em alguns casos o abuso e a violência.

Algumas religiões interferem no comportamento familiar sobre a aceitação, onde a pessoa é possessa por demônios que mudaram a sua conduta. Hoje em dia é fácil aceitar o filho de “outra pessoa” assumir a sexualidade, mas quando é com a própria família o sabor da vida se torna um gosto amargo e inaceitável”. Pablo Lasso em um dos seus trabalhos afirma que a:

A cultura determina como deve comportar-se em cada situação, os valores, o que é bom, o que é ruim, os mitos, as lendas. A cultura tem uma relação marcante com o sobrenatural, com a religião, que também é uma fonte de valores e de moralidade. Daí que com o mudar de religião ou a chegada de uma nova religião traga muitas vezes o desajuste de muitos modelos culturais e a readaptação de toda a organização social.
(LASSO, 1981, p. 33)

Todo brasileiro tem direitos desde quando nasce, e cabe a cada um escolher o que lhe faz bem. Vemos hoje pessoas defendendo suas ideologias, mas fere as ideologias e direitos do próximo. Como diz (BRAULINO, 2011)²: “Não precisa aceitar, basta respeitar”.

Ter um filho gay é uma afronta à perfeição da família que tenta levantar um status de “família perfeita”, seguindo os conceitos dos moldes tradicionais. (CARBONIERI, 2012) retrata que o pior preconceito é da família, Desse modo, as pessoas não aceitam que um filho ou sobrinho seja homossexual porque acreditam que certamente a sociedade passará a olhá-las de uma maneira diferente, como se sua família tivesse sido acometida por um grande mal

Por este motivo os meninos e meninas que assumem a sexualidade sempre irão ouvir de seus pais: que eles criaram aquele gênero (masculino/feminino) e não o outro; pois a bíblia condena. Os pais depois da descoberta sempre pensarão: Meu filho vai se vestir de mulher! Meu filho vai fazer sexo anal! Meu filho vai beijar outro homem! Meu filho poderá morrer devido ao preconceito das pessoas! E o mais famoso: Meu filho vai pegar AIDS. São esses os mais comuns pensamentos de pais sobre seus filhos. Ainda cercados de preconceito sobre a ideia e a não aceitação, o

² Compositor e cantor Paulo Braulino.

principal ponto de escape para os pais é convencer seus filhos a mudarem de opinião, achando que com essa postura vai extrair a ideia do filho de ser quem ele é. Edith Modesto³ ao ser entrevistada pelo Jornalista Willian De Lucca defende os pais neste momento de conflito, pois até o momento eles tinham sonhos e planos para seus filhos em uma sociedade heteronormativa. Para (MODESTO, 2011) “Com os pais, temos de agir também com muita paciência e compreensão. Ninguém foi preparado para ter filhos diferentes na nossa cultura. O positivo, é que o amor, quase sempre, vence!” No último ponto de sua fala, Modesto demonstra que o amor materno/paterno é o único que transforma o preconceito em aceitação. Para (OLIVEIRA, 2004, p. 8) os pais se culpa pelo(a) filho(a) ser homossexual e analisam onde erraram, e acham que é apenas uma fase e por este motivo tentam aconselhar e procuram ajuda de um profissional da psicologia, e se frustram quando o psicólogo(a) confirma que não é uma moda passageira e que o(a) filho(a) é homossexual. Oliveira relata ainda que:

O ideal é pais e filhos frequentarem um psicólogo para que todos se possam sentir apoiados. Para viverem em paz consigo mesmo eles precisam compreender que, apesar da orientação sexual do filho não pertencer à norma, ela é perfeitamente normal e honesta no que lhe diz respeito (OLIVEIRA, 2004, p. 8)

Precisamos de políticas públicas que conscientize no caso os pais de homossexuais. Ouvir um profissional e dialogar sobre o assunto, é o melhor remédio a curto, médio e longo prazo, por que ainda a própria homossexualidade é vista para muitos como homossexualismo⁴(doença) e que existe cura e tratamento. Sabemos que existe cura para o preconceito e o machismo o principal vilão de tanta homofobia.

Para (Santos, 2012, p. 3) A sexologia na escola é sempre ensinada de forma “padrão” colocando como natural os oposto se relacionarem, ou seja, a mulher e o homem, reproduzindo comportamentos ditos “normais” por isso escola deve abarcar em suas grades curriculares (não só na disciplina de biologia e Ciências) os temas que envolvem a sexualidade quebrando todo os paradigmas criados durante muitos anos. O professor deve estar preparado para tirar dúvidas quando necessário,

³ Educadora, mestra e doutoranda em Semiótica Francesa pela USP é professora universitária aposentada e lecionou em diversas Faculdades de Jornalismo de São Paulo.

⁴ A palavra homossexualismo vinha sendo impregnada de conotação patológicas. Apenas em 1990 a OMS exclui esta palavra da lista de distúrbios mentais.

explanar em sua aula algum plano sobre o assunto. Não devemos pensar como profissionais da educação, que isso sirva apenas para cumprir o que os temas transversais trazem, mas sim que ele possa esclarecer dúvidas, quebrar estereótipos que os alunos adquiriram em casa. Objetivar que o próprio aluno possa aprender na teoria as verdades que rondam este tema e não o conhecimento errôneo que recebem da mídia e das piadas feitas por familiares.

Os professores devem ficar atentos aos rendimentos escolares dos seus alunos, muitos sinais de baixo rendimento são na sua grande maioria por bullying e assim abrindo espaço para a homofobia. O aluno na adolescência está conhecendo seu corpo, seus desejos e pode passar por uma crise de identidade ao observar que seus gostos e desejos não são condizentes com aqueles que a sociedade o ensinou, e, por falta de informação sobre esta situação, ele se torna uma criança fechada, introspectiva sem evolução educacional. Segundo Junqueira:

A homofobia nas escolas: afeta o bem-estar subjetivo; incide no padrão das relações sociais entre os estudantes e destes/as com os/as profissionais da educação; afeta as expectativas quanto “sucesso” e ao rendimento escolar; produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento; gera desinteresse pela escola; produz distorção idade-série e evasão; prejudica o processo de inserção no mercado de trabalho; enseja uma invisibilidade e uma visibilidade distorcida; conduz à maior vulnerabilidade (em relação a chantagens, assédios, DSTs, aids, etc.). (JUNQUEIRA, 2013, pp. 51-56)

Se não averiguado e não houver um procedimento de conversa ou qualquer outro tipo de ajuda, o aluno irá ficar à mercê de comentários preconceituosos e não terá força para se levantar desta situação. Acarretando nele problemas, depressões ou até mesmo o próprio suicídio. (JUNQUEIRA, 2013) Descreve em seu livro a importância de problematizar a homofobia no cotidiano escolar, que a homofobia é um fator de mal-estar, insegurança, angústia e sofrimento; homofobia vulnerabiliza e exclui; homofobia mata.

Iniciaremos neste Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola – GDE, Pesquisa tem como base o trabalho de campo etnográfico com observação participante do comportamento de alunos, professores e demais profissionais, durante o período de realização dos estudos realizados para a produção deste trabalho de conclusão de pós-graduação.

Este trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, irei falar sobre a metodologia, o público entrevistado e campo da pesquisa. No segundo capítulo será abarcado o tema homossexualidade nas escolas, o professor frente ao tema e as informações por ele adquiridas mediante as formações sobre a homossexualidade e o sentir-se preparado em ensinar os alunos sobre as políticas públicas e direitos voltados aos grupos LGBTs. E o terceiro capítulo ilustrará a homossexualidade na escola segundo os professores e professoras, bem como a homossexualidade e homofobia dos alunos e alunas.

2 PESQUISA DE CAMPO: MÉTODO, LOCUS E SUJEITOS DA PESQUISA.

O tema da homossexualidade é pertinente nas escolas, mas basta ser professor para saber que ele está presente no cotidiano da vida escolar tanto na forma de xingamentos e acusações, tanto por cada vez mais termos adolescentes que se assumem como homossexuais – o que torna mais grave as dificuldades ou o desconhecimento dos docentes sobre este tema (gênero e orientação sexual) que faz parte de um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Tendo como objetivo apurar a forma como os professores da rede municipal de São José pensam a questão da homossexualidade e como lidam com essa questão na escola, esta pesquisa buscou centrar-se numa metodologia que desse voz a esses profissionais, que fosse capaz de registrar suas dificuldades, seus pensamentos e suas práticas, ainda que eventualmente contraditórias. A pesquisa buscou uma metodologia que permitisse registrar e analisar suas falas, as metodologias inclusivas, ou não, desses profissionais, suas práticas e a própria relação professor/aluno.

Com esses pontos, desenvolvemos uma pesquisa utilizando a metodologia da Antropologia cultural, o método etnográfico (MALINOWSKI, 1977). Durante o mês de setembro foram feitas entrevistas em profundidade semiestruturadas. Estas entrevistas foram feitas nas escolas municipais de São José seguindo um roteiro com treze perguntas (ANEXO I) e gravadas com o consentimento das pessoas entrevistadas que assinaram um termo de consentimento informado o objetivo das entrevistas (ANEXO II). A ideia inicial era entrevistar homens e mulheres na mesma

proporção, entretanto só foi possível efetivamente entrevistar mulheres – o que talvez em si já seja um dado de gênero sobre as dificuldades da temática ser abordada entre homens. Um dos homens que se tentou entrevistar preferiu não participar ao saber do que se tratava, claramente em função da temática do trabalho. Diante desta dificuldade, as entrevistas foram feitas com as professoras, que em suas horas-atividades se dispuseram a participar da entrevista. Em geral suas respostas não são semelhantes, mas em unanimidade são contra todos os tipos de preconceito. Resta ressaltar que, apesar das entrevistas não terem sido feitas com homens, a observação participante não deixou de atentar para os comportamentos de ambos os sexos com relação à questão da homossexualidade na escola.

2.1 AS ESCOLAS E AS ENTREVISTADAS

Esta pesquisa foi realizada no período de julho a outubro, na rede pública de ensino do Município de São José, o qual se encontra à região metropolitana de Florianópolis, com uma população de 228 561 hab. (estimativa IBGE/2013) em seus 152,387 km², cuja economia baseia-se na indústria e no comércio. A rede pública de ensino tem 23 centros educacionais municipais, das quais três fizeram parte deste estudo conforme assentimento das mesmas.

Três escolas municipais de São José foram escolhidas para a realização desta pesquisa. Devido a não identificação de professores não irei identificar as escolas, sendo assim apenas a caracterização destas serão descritas, tanto culturalmente quanto socialmente.

A primeira escola (A) está localizada em uma comunidade carente. Ela atende aproximadamente 450 alunos em seus dois turnos. Com nove salas de aula, uma biblioteca e uma sala de informática.

A segunda escola (B) também está localizada em uma comunidade carente. Ela atende 235 alunos em seus dois turnos. Sendo uma escola com apenas sete salas, está em boas conservações, possui biblioteca ampla e sala de informática.

A terceira escola (C) é uma das maiores escolas do município, possui mais de dois mil alunos. Ela abrange alunos de municípios vizinhos como Palhoça, Biguaçu e Florianópolis. Localizada na parte urbana da cidade, é considerada a escola-modelo, sua estrutura é ampla e é equipada com materiais didáticos à disposição do professor. Possui mais de 30 salas de aula, duas salas de informática e uma biblioteca ampla para pesquisas.

Podemos elencar que as três escolas possuem salas de informática e bibliotecas que facilitariam a vida do professor em suas horas vagas (hora-atividade coletiva e individual) para poder buscar informação sobre o tema a ser tratado aqui.

Como dito páginas atrás, a pesquisa teve como base o trabalho de campo etnográfico baseado em entrevistas com professoras. A observação participante, entretanto, se ateve não apenas aos professores, mas ao comportamento de alunos e demais profissionais que fazem parte da vida escolar.

São oito professoras entrevistadas de 23 a 50 anos. Este detalhe das idades das entrevistadas tem como intenção abarcar diferentes faixas etárias, com diferentes experiências na docência. Por razões éticas e a pedidos das entrevistadas, seus nomes serão substituídos por nomes de flores.

As professoras foram entrevistadas no local de melhor conveniência para elas, sendo um lugar considerado neutro para que elas se sentissem à vontade na conversa. Terão suas identidades preservadas sendo chamadas por nome de flores: Rosa Branca, Rosa Amarela, Cravina, Jasmim, Flor de Lótus, Violeta, Nigella e Azaleia.

Todas as entrevistadas, ao preencher o formulário (ANEXO I) com informações gerais, se identificam conforme se consideram. Podemos ver no quadro que todas as entrevistadas se auto declaram de cor branca. Indo mais além, instigado pela massa dominante branca, pesquisei nas secretarias das três escolas sobre o corpo docente, e deste corpo docente cerca de 10% dos professores eram negros⁵.

⁵ A soma dos professores se deu nos períodos que o pesquisador tinha disponibilidade com a escola para as entrevistas.

Nome	Idade	Raça	Formação	Trabalha a...	Naturalidade	Estado civil	Filhos
Cravina	45	Branca	Superior	15 anos	Florianópolis	Casada	2
Jasmim	37	Branca	Pós	4 anos	Curitiba	Divorciada	Não
Azaleia	47	Branca	Pós	23 anos	Florianópolis	Casada	2
Nigela	42	Branca	Superior	15 anos	Florianópolis	Solteira	3
Violeta	35	Branca	Superior	16 anos	Florianópolis	Casada	3
Flor de lótus	36	Branca	Superior	6 anos	Curitiba	Casada	Não
Rosa branca	23	Branca	Cursando superior	2 anos	Florianópolis	Solteira	Não
Rosa amarela	50	Branca	Pós	20 anos	Lages	Solteira	2

Quadro 1 – Características gerais das entrevistadas

3 A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA SEGUNDO PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DE SÃO JOSÉ.

Embora no título desta seção constem “professoras”, este coletivo inclui aqui professores do sexo masculino observados no contexto escolar. O uso do feminino se justifica tanto pela esmagadora maioria feminina na profissão, quanto pelo fato de minhas entrevistadas se identificarem como pertencentes ao sexo feminino. Desta forma, este trabalho se filia às práticas de “guerrilha de linguagem” que o feminismo acadêmico vem propondo conforme as autoras do livro Cotidiano escolar: relações de gênero e profissão docente expressam em seu livro:

Na língua portuguesa, utilizamos o plural no masculino quando ele inclui masculino e feminino, homens e mulheres. Assim, se tivermos uma sala com trinta meninas e um menino, vamos nos referir ao grupo como os alunos, não obstante a esmagadora maioria feminina. Autoras feministas têm promovido o que chamamos guerrilha da linguagem, utilizando, nesses casos, ao invés das vogais o e a, um outro caractere: o @ ou o x. Dessa forma, no exemplo acima referido, diríamos @s alun@s ou xs alunxs. Evitamos essas soluções neste livro, não só pelo resultado estético duvidoso delas, mas porque elas têm sido criticadas pelos que trabalham a questão da inclusão dos deficientes. (MOTTA, VENCATO, & VIERA, 2014, p. 8)

As entrevistas propriamente ditas visaram identificar e mapear as ideias que professores e professoras têm sobre a homossexualidade, tanto como assunto a ser trabalhado como tema transversal quanto em relação à própria homossexualidade dos estudantes da escola ou o que identificam como manifestações da homossexualidade dos alunos e alunas.

3.1 A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA

Ano passado trabalhei em uma escola e tinha um menino que tinha 13 anos. Estava no oitavo ano. A situação dele foi quando ele se descobriu como um ser homossexual e falou para os pais e depois disso começou a se maquiar. Foi uma mudança muito radical do início até o final do ano, no percurso desta mudança eu e os professores tivemos muito trabalho, porque o aluno sofreu preconceito. Sofreu muito preconceito em relação à imagem dele, ou melhor, a imagem que ele estava formando dele mesmo. Foi neste momento que começamos a trabalhar com textos sobre esse assunto e os alunos começaram a entender. Ele já era um aluno muito bem instruído sobre este tema então ele mesmo ajudava e tinha um diálogo bem aberto para com a família e amigos. Tinha uma facilidade de colocar seu ponto de vista em relação ao assunto (Violeta).

A situação que Violeta trás reflete ao que (OLIVEIRA, 2004, p. 5) comenta que “Em qualquer manual escolar, no tema da sexualidade, pouca informação se encontra sobre a homossexualidade, em muitos nem é referido o assunto”. Por esse fato, os professores tiveram trabalhos em mostrar aos alunos que isso sempre existiu e precisaram mostrar que respeito é primordial a diferença de gênero de cada pessoa. A homossexualidade existe tanto na escola como na sociedade. Mesmo quando ela não é “vista” pelos profissionais ela está lá. Mesmo que a escola não a problematize, fuja ou negue a sua existência. São vários os relatos sobre problemas relacionados à questão.

Flor de Lótus frisa que a cultura modifica cada região e que em São José ela não presenciou nenhum fato sobre o tema, porém, quando trabalhava em São Paulo, conviveu em sala de aula com alunos LGBTs, ela demonstra grande orgulho de ter tido a experiência que teve. Pois aprendeu que o mundo vai mais além do “branco e preto” que além destas cores há uma diversidade de “cores e estilos”

Nigella relata o drama que um professor passou com os pais dos seus alunos:

Eu trabalhei em uma creche onde tinha um professor que era meu colega. Ele é transgênero, porém pela pressão dos pais o professor saiu da instituição de ensino, pois ele ouvia algumas falas infelizes do tipo: Eu não quero essa “bicha” encostando-se ao meu filho, até o chamaram de aberração. Ele sofreu bastante preconceito e não teve apoio da direção. (Nigella).

A citação de Nigella mostra que as minorias sexuais estão sujeitas a sempre serem humilhadas e sofrerem agressões verbais e muitas vezes físicas. Esse relato lembrou-me de uma pesquisa qualitativa postada na internet com o nome “Você tem medo de quê?”⁶ Essa pesquisa teve como objetivo descobrir os motivos pelos quais as pessoas são homofóbicas. Revelou que os heterossexuais têm medo de sofrer assédio por gays e temem que a conquista de mais direito instaure uma supremacia gay no país. [...] As pessoas sentem medo do que é diferente, do que é diverso, do que subverte a ordem. (FUCUTA & COIMBRA, 2014, p. 11). Para (BEZERRA, 2011, p. 57) os transgênero sofrem violações diárias de direitos humanos, e afirma que resolução brasileira protege o princípio básico de que qualquer pessoa é um ser humano e titular do direito à proteção contra o abuso de direitos humanos.

Violeta narra uma experiência que teve no ano anterior sobre a homossexualidade de um aluno chamado Seiva⁷ e o preconceito que ele enfrentou da parte dos alunos e da família (ver a fala de Violeta que figura como epígrafe à esta seção). Já Cravina relatou uma fala de uma aluna do sexto ano em ser lésbica.

[...] muito delicado falar com a aluna, porque a família talvez não esteja sabendo disso. A escola faria uma conversa educacional com a aluna e ela pode interpretar da maneira dela, e uma criança de 12 anos ainda não tem maturidade psicológica para lidar com esse tipo de situação levando assim, para casa essa informação de outra forma e gerando um conflito muito maior para escola. Conversando com os professores foi cogitada que a menina fez isso para chamar atenção (Cravina)

A citação referente à fala de Cravina mostra que a escola pode estar preparada para lidar com o tema e orientar os alunos com consciência “madura”, ela demonstra que a escola não saberia lidar com a ação dos pais diante do que a filha poderia falar mediante a conversa dos profissionais da escola com a aluna. Pois muitas vezes os pais não aceitam esse tipo de orientação ao aluno tido como normal.

No conselho de classe da escola os professores sentados em volta de uma mesa discutem sobre as notas e comportamentos de alguns alunos. Ao chegar a um aluno foi dito em consonâncias com mais cinco professores que este, se saía muito bem nas matérias sendo um aluno exemplar. Um

⁶ Acesso em 18 de Novembro de 2016, disponível em design de causas: http://www.designdecausas.com.br/files/pesquisa_medo.pdf

⁷ Nome fictício

professor não se recordava da feição do estudante e perguntou para um professor que estava ao lado (professor de filosofia) quem era este aluno? O mesmo falou que é aquele meio “bichinha” que senta na segunda carteira da janela. (Diário de campo, conselho de classe, 21 de julho de 2016).

A infeliz fala deste professor mostra o qual nossa sociedade contemporânea é machista, que homem heterossexual deve ser grosso e violento e uma mulher heterossexual deve se meiga e passiva. Com essa ideologia é estabelecido uma divisão de gêneros no qual são impostas as crianças que mais tarde será difícil de ser abolida (PICAZIO, 2010) Não obstante inúmeros relatos há quem afirme jamais ter visto qualquer tipo de problema relacionado ao tema, Jasmim conta que nunca presenciou nada do gênero em seu ambiente de trabalho. É difícil interpretar essa negativa como resultado mesmo da ausência de formação ou formação insuficiente em gênero, pois mesmo durante o trabalho de campo presenciamos manifestações nem tão sutis de homofobia na escola - como o professor que identifica um aluno como “aquele viadinho” conforme observei em um conselho de classe durante meu trabalho de campo.

Essa manifestação de homofobia não é exclusiva das escolas onde pesquisei, a bibliografia tem demonstrado isso (JUNQUEIRA, 2013). No entanto ainda assim cabe a reflexão ou o questionamento se a carência de capacitação formal em gênero é suficiente para explicar essa “invisibilidade” da temática para alguns – ou se ela é resultado do preconceito hegemônico, já que as informações sobre a homossexualidade, segundo as informantes, estão disponíveis em todas as mídias, muito antes que cursos de formação em gênero (oferecido pela rede municipal), atingindo não só professores e professoras, mas toda a comunidade escolar.

(JUNQUEIRA, 2013) Retrata em seu texto uma pesquisa feita pela UNESCO que contou com cinco mil professores e professoras da **rede pública** e privada onde foi constatado que a homofobia faz parte das nossas rotinas diárias. Segundo ele:

Ela é concedida e ensinada nas nossas escolas. Esta no livro didático perpassa nossas concepções curriculares e as relações pedagógicas. Aparece na hora da chamada, nas brincadeiras e nas piadas (aparentemente “inofensivas” e até usadas como instrumentos didáticos). Está nos bilhetinhos, carteira, quadra, paredes dos banheiros, na dificuldade de acesso ao banheiro. Move muitas brigas no intervalo e no final das aulas.

Está nas rotinas de ameaças, intimidações, chacotas, humilhações, marginalização e exclusão. (JUNQUEIRA, 2013, p. 52)

Quando questionadas sobre como as questões da homossexualidade vêm aparecendo na escola, as respostas são bastante semelhantes. Nigella afirma que o tema aparece através da mídia, (cenas de beijo gay em novelas) mostrando algo que era velado e tido como “tabu” para as famílias dos alunos, e por muitas vezes essa informação causa injúria e sempre são comentadas na escola pelos estudantes. Daí a importância de ser trabalhado este tema. Ela complementa esse assunto dizendo que este tema na escola é trabalhado apenas quando existem alunos homossexuais, deixando a desejar quando não existe. Na opinião dela, este tema deve ser trabalhado sempre, independente de ter ou não alunos homossexuais, pois a escola prepara os alunos para a vida.

Violeta além de achar que a informação vem da mídia, diz que a internet propicia muito a propagação das informações sobre a homossexualidade. Ela ressalva que os alunos são da era da tecnologia e que estão grande parte do seu tempo navegando na internet e expostos a todo tipo de informação. A opinião de Rosa Branca está de acordo com a fala de Nigella de que o tema só é tratado quando existe um aluno homossexual, ela complementa que a abordagem do assunto só é tratada quando há algum conflito. “[...] *Mas por iniciativa de profissional eu não vejo acontecer. A discussão do tema só aparece quando existe algum conflito.*” (Rosa Branca).

Flor de Lótus relatou em nossa conversa que este tema é tido por ela como “natural”. Segundo ela, a sociedade vem encarando esse tema com mais naturalidade, que os homossexuais são pessoas como qualquer outra que também tem direitos e deveres como qualquer cidadão. Em uma visão geral as pessoas que vêm de uma grande metrópole, como é o caso desta entrevistada, tem uma visão mais aberta sobre o tema.

A fala de Flor de Lótus expressa a opinião que a população está olhando o tema com mais naturalidade, sabendo que homossexuais têm os mesmos direitos e deveres que um heterossexual. Matheus Pichonelli escreve para o site Carta capital que é notável o avanço da aceitação do princípio da igualdade, mas a intolerância aparece em relação a situações concretas, como manifestações de afeto:

É o famoso “não tenho nada contra, mas não quero perto de mim”. Na pesquisa sobre tolerância social à violência contra mulheres, realizada pelo Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), metade dos 3.810 entrevistados pelo instituto (50,1%) afirma que casais de pessoas do mesmo sexo devem ter os mesmos direitos de outros casais - contra 40% dos que veem a ampliação desses direitos como inaceitáveis.

Quando a afirmação é mais incisiva, no entanto, a questão muda de figura. Para a maioria da população (52%), o casamento de homem com homem ou de mulher com mulher deve ser proibido no Brasil. Para 60%, incomoda ver dois homens, ou duas mulheres, se beijando na boca em público (44,9% dizem concordar “totalmente” com a afirmação). (PICHONELI, 2014)

3.2 PROFESSORAS FRENTE AO TEMA DA HOMOSSEXUALIDADE

3.2.1 Sobre as fontes de suas informações

Nem sempre o fato de gênero ter figurado em suas formações é considerado suficiente para que se sintam preparadas para as situações concretas do cotidiano escolar. Cravina e Azaleia adentram no assunto da preparação dos professores sobre o tema. Cravina fala que todos os professores em suas devidas formações tiveram uma conversa sobre este tema na faculdade, mas quando lidam com a realidade, com o aluno em sala de aula o professor não está preparado. Ela lembra ainda que este assunto faz parte dos temas transversais da educação. Azaleia ressalta que o tema vem aparecendo no cotidiano só que ainda é muito acobertado, sendo assim, o professor não tem preparo para abordar com o aluno este tema por não ter um conhecimento prévio.

[...] Eu penso que os professores estão pouco preparados, apesar da gente ter isso como um tema transversal. Têm algumas cadeiras na universidade para quem passa por uma formação superior. Mas quando lida com a realidade com um aluno em “loco” em sala de aula, o professor não está muito preparado. Quando há conflito ele pede para que a coordenação pedagógica interceder, porque ele não tem o preparo para lidar com esse tipo de situação. Então esse tema vem aparecendo de forma ascendentes. (Cravina).

Rosa Amarela entra em desacordo com o que Cravina e Azaleia comentam. Em seus 20 anos de magistério chegou à conclusão que os professores estão mais

preparados para lidar com essas situações nos dias atuais. Ela faz uma linha cronológica de que o aluno homossexual sempre existiu e que este, não é mais aquele aluno frágil que precisa de cuidado. Hoje este aluno conhece seus direitos como aluno homossexual, pois sabe das informações a respeito do tema trazido pela mídia, internet e amigos do meio.

Jasmim tem uma opinião semelhante a de Rosa Amarela quando fala que os alunos homossexuais não têm mais receio de mostrar quem eles realmente são. “[...] *Acho que ela vem aparecendo como sempre, só que agora acho que os meninos têm menos medo de usar trejeitos, de afinar a voz e demonstrar quem eles são realmente.*” (Jasmim)

Questionada sobre de onde vem às informações que os professores possuem sobre este tema, Rosa Branca diz que vem da família e da igreja, ela demonstra o desagrado que tem da grande maioria dos profissionais em não buscar uma base de conhecimento científico sobre o tema e passar para seus alunos. Ela alega que os professores não fazem isso, e a concepção que fica é aquela que ele aprendeu da igreja e da família. Violeta acha que, além da família, a internet contribui com as informações sobre o tema. Segundo ela, deve ter discernimento para interpretar as informações recebidas, pois muitas informações não têm veracidade em suas postagens.

Nigella afirma que a informação obtida pelos profissionais da educação vem da mídia, ou seja, o que passa na televisão dia a dia sendo novelas, reportagens etc. Ela complementa sua resposta dizendo que as igrejas (fundamentalistas) recrimina os homossexuais. Nigella o entende como forma de discriminação, por esse motivo a guerra ideológica entre igreja e grupos LGBT sempre são contínuas. A igreja sempre prega suas ideologias baseadas na bíblia e passa aos fiéis uma visão de que os gays são aberrações, deixando assim, influir na família uma resistência sobre o respeito à diversidade.

Segundo o jornalista e ativista em defesa dos direitos humanos e representante da organização LGBT Leandro Ramos, tudo que não for de acordo com as regras estabelecidas é desrespeito e anormal.

Existe um bocado de regras para você ser homem, existe um bocado de regras para você ser mulher, e você não pode pisar fora dessas linhas... Se você pisar fora dessas linhas, você está desrespeitando essa regra sagrada que é reforçada por todas as nossas instituições, seja a família, escola, amigos, políticas públicas, igreja. (RAMOS, 2014, p. 14)

Ramos vem de encontro com (NISHIMURA, 2004, p. 364) Nessa organização hierárquica e desigual, a mulher ocupa uma posição inferior em relação ao homem. Os papéis de cada um são diferenciados e os femininos são menos valorizados. (MACHADO, 1996) Faz menção que “a mulher esta associada à família e a casa e o homem ao mercado e à política, esferas de atuação extremamente valorizada na sociedade, que acabam colocando os maridos em posição de superioridade diante das esposas” (MACHADO, 1996, p. 80). São essas regras que colocam um gênero sobre o outro, que colocam o ser gay como um ser doente mental, abominável e pervertido fazendo assim a homofobia algo cada vez mais comum em nossa sociedade.

Rosa Amarela afirma que as informações obtidas pelos professores vêm da mídia e da igreja, mas depois da teologia da libertação, um tema criado por Leonardo Boff, à igreja tem aceitado mais as questões homossexuais, não discriminando. Essa teologia da libertação, segundo Rosa Amarela, demonstrou o que é o Deus de amor. Prova desta nova visão são as falas que o Papa faz sobre este tema, sem julgar e discriminar os homossexuais. Para (NORONHA, 2012) a:

Teologia da Libertação é sem dúvida alguma a maior expressão de sensibilidade que surgiu nos últimos trinta anos na história da teologia. Ela rompe com conceitos tradicionais da Igreja institucional introduzindo na história da Igreja ideias de igualdade social e direitos humanos, reivindicando para si como herança os lemas: liberdade, igualdade e fraternidade advindas da Revolução Francesa. (NORONHA, 2012, p. 185)

Ao ver, essa teologia mostra que perante, não só a lei como o próprio Deus somos todos iguais. Uma teologia que modifica crenças que a igreja estipulou por muitos anos. Isto mostra que pensamentos, e opiniões sociais mudam ao longo dos anos, e cabe a sociedade seguir esta mudança.

Para Flor de Lótus as informações vêm de todos os lugares, ela destaca a importância do próprio professor ir atrás de informação para que, em sala de aula, ele não fique apenas no que sabe. A importância de pesquisar sobre o assunto é de grande valia, para que assim, possa desmistificar conceitos que desde pequenos

foram enraizados no ser humano a respeito de credence em relação à conduta diferente do próximo. Azaleia entende que as informações adquiridas pelos profissionais vêm de encontro com a fala de Flor de Lótus e frisa ainda que as redes sociais ajudam a disseminação das informações. Ela ressalta que alguns profissionais buscam informações em cursos que são voltados para esta área.

Jasmim diz que existe muita falta de informação sobre o tema incumbindo a mídia e família a dar as informações sobre este assunto. Ela acrescenta sua fala sobre estereótipos criados por professores.

[...] Eu acho que ainda é um tabu para muitos, inclusive para os meninos, pois talvez nem eles tenham tido experiência sexual para se definir. A gente sabe que eles se comportam diferente dos meninos naturalmente, mas também não temos como dizer se ele é homossexual ou não. Podemos ver que tem um jeito afeminado, mas talvez ele não tenha tido a primeira experiência sexual para dizer se ele é ou não homossexual. Na faculdade não tive nenhuma grade, nenhuma didática como lidar com isso. (Jasmim).

Como Jasmim, Cravina também é mobilizada pela reflexão sobre os temas da homossexualidade:

[...] a criança já nasce com sua sexualidade definida e com o tempo ela vai se aceitando, vai analisando que ela é diferente de outra pessoa, vai vendo que não gosta do mesmo sexo ou do sexo diferente. Eu penso que isso é genético, ninguém decidiu ser uma menina ou um menino. (Cravina).

Cravina entra na mesma linha de juízo de Jasmim, dizendo que o tema ainda é tido como tabu, que as pessoas acham que a homossexualidade vem da criação que a criança teve, mas ela discorda, como expressou na fala acima. Ela ressalta que as informações obtidas pelos profissionais da educação, além de virem da mídia, vêm de algumas formações que a própria prefeitura de São José oferece. Ela acredita que algumas buscas do professor são subjetivas: ele lê um jornal, uma revista, de onde tira suas conclusões sobre o assunto em foco.

Para (MADUREIRA, 2007, p. 60) as pessoas não nascem preconceituosas e que as informações que fazem elas serem assim vem das falas dos pais, professores e da mídia. Para algumas professoras desta pesquisa a mídia é responsável por trazer o conhecimento do tema para as professoras. A pesquisa mostrou que a mídia é uma das grandes responsáveis pelo conhecimento do assunto, mas devemos analisar que tipo de conhecimento a mídia mostra sobre o

tema é em relação ao discernimento do assunto ou é para criar estereótipos e termos pejorativos como (MADUREIRA, 2007) trás em sua fala.

3.2.2 Sobre se sentir preparada e a busca de formação

As entrevistadas foram questionadas se os profissionais da escola estão preparados para lidar com essas questões da sexualidade. Quando questionadas surgiram cinco pontos de vistas: Flor de lótus acha que sim, que os profissionais estão preparados para lidar com estes assuntos. Ela acrescenta que o real motivo de estarem preparados é porque os profissionais estão tendo uma melhor aceitação pela temática, ela alega ainda a diferença entre regiões e culturas, que em São Paulo o tema era muito mais aceito e debatido do que em Santa Catarina.

Cravina e Jasmim não acham que os professores tenham capacitação suficiente para tratar sobre este assunto.

Preparado a gente não está, mas também não estamos aqui para julgar atitudes de ninguém. A gente está aqui para auxiliar, para educar, para ensinar os alunos em geral e não para rotular, criticar ou elogiar por uma opção sexual, isso é algo pessoal Pois a sexualidade estará decorrente, mas não vai acontecer dentro da escola, pois não vamos ver eles se beijando, de mãos dadas por que na escola não é permitido. (Jasmim).

Jasmim esclarece sua resposta nesta citação expondo sua ideia. Para ela, por mais que professor não tenha o entendimento do assunto, ele está na escola para ensinar e auxiliar nos momentos necessários. Resta questionar se os professores “têm direito” a não ter entendimento do assunto? Na verdade, uma formação em gênero é fundamental para “auxiliar nos momentos necessários”.

Rosa Amarela, Nigella e Violeta dizem que os professores estão pouco capacitados para debater este assunto em sala de aula. Rosa Amarela argumenta que muitos professores fazem de conta que trabalham o tema e Nigella Alega que ainda faltam cursos na área. Azaleia não soube responder à pergunta. Já Rosa Branca alega que não, começando pela universidade. Ela está cursando o quinto

ano de pedagogia e informou que até o momento não tiveram debate sobre este tema.

As respostas são variadas, mas o que cabe ressaltar é que muitas vezes existe um desconforto da parte de muitos professores em abordar o tema. Para (MADUREIRA, 2007, p. 260) o desconforto está relacionado ao sentimento de despreparo do profissional. Então podemos dizer que o desconforto para o professor é lidar com algo que para ele não é considerado atitude usual.

As entrevistadas foram questionadas sobre o conhecimento de professores que participam de formação sobre o tema. O município oferece um curso intitulado gênero, promovido pela UDESC, que acontece uma vez por mês nas segundas-feiras. Embasado nesta informação coube a esta entrevista saber se os profissionais da rede estavam cientes desta capacitação na área. Rosa Branca tem conhecimento do curso e não fez por não fechar com sua carga horária. Rosa Amarela expõe em sua resposta a satisfação com a oportunidade que a escola dela possui. Diz que a escola participa de um curso uma vez ao mês sobre o tema em que professores que possuem conhecimento sobre o tema vão até a escola e lá fazem um trabalho voltado à diversidade e gênero. Rosa Amarela complementa sua fala dizendo que os profissionais que aplicam o curso possuem grande bagagem sobre o tema e que os professores realmente participam e questionam sobre as dúvidas que possuem. Cravina sabe que existe o curso oferecido pelo município, mas não conhece nenhum professor que participa deste. As outras entrevistadas não têm conhecimento dos cursos oferecidos pelo município tão pouco de pessoas que façam um curso na área.

Foram questionadas as professoras se já se interessaram pelo tema a ponto de buscar a formação a respeito de gênero. Jasmim foi à única professora que disse que nunca achou necessário saber sobre o tema porque sempre respeitou as diversidades. Flor de Lótus alegou que sempre buscou sobre o tema, pois quando era professora no estado de São Paulo, sua função era de Apoio de aprendizagem. Rosa Amarela relata que fez uma pós-graduação em gestão do cuidado: Uma escola que protege tema este, que abarca as diversas linhas da diversidade e gênero.

Violeta alega que o tema é interessante, mas não tem tempo para fazer uma capacitação, diz ainda que gosta de ler muitos artigos que falam sobre o assunto. Ela lembra que teve na faculdade uma matéria que envolvia a sexualidade, mas não houve aprofundamento. Cravina diz que seu conhecimento é de busca pessoal em leituras de revistas, jornais e artigos. Rosa Branca e Nigella expressam a vontade de fazer algo direcionado na área, mas não possuem tempo devido aos dias cheios, trabalho e as noites ocupadas pela faculdade, a única forma que encontram em buscar informação é nas leituras.

Azaleia disse que procurou muita informação depois da descoberta da sexualidade da filha. Ela relata que, por passar noites em claro, buscou muita informação em vídeos, programas televisivos, leituras e artigos. Ela conta que os conhecimentos adquiridos associados ao amor de mãe para filha fez com que ela ignorasse o rótulo da filha, fazendo assim ter uma visão de respeito e compreensão.

4 O CHÃO DA ESCOLA: A PRÁTICA E A HOMOFOBIA SEGUNDO AS PROFESSORAS

4.1 COMO OS PROFESSORES ENFRENTAM A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA

A respeito das informações sobre o tema da homossexualidade e de terem ou não formação para lidar com a questão na escola, os problemas aparecem e as professoras se veem na contingência de elaborar, opinar e agir. Cravina relata que tanto o corpo da escola, quanto a comunidade têm uma boa aceitação, e acrescenta sua fala dizendo que:

Nós como direção desta instituição estamos preparados para lidar com isso, sentar com a mãe e com pai quando surge esse conflito na escola e fazer encaminhamentos. Porque nós enquanto coletividade não fomos criados para isso (entender a homossexualidade), a gente não tem debate sobre isso na escola. É raro existirem conversas sobre este tema e quando a gente conversa é com os professores e cada um expõe sua opinião que geralmente é divergente. (Cravina).

A fala de Cravina mostra que o assunto não é debatido na escola, ela elenca uma realidade de nossa sociedade que ninguém foi criado para entender a homossexualidade. Por isso (ARAÚJO, 2003) diz que é fundamental a realização de oficinas e capacitações voltadas não apenas para professores, mas também aos psicólogos escolares. Infelizmente as escolas entrevistadas não possuem psicólogos, mas contam com especialistas em educação para ajudar no desenvolvimento da educação na escola.

Violeta concorda que esse assunto está presente nas escolas onde os professores estão explorando o conhecimento sobre este tema, ela afirma que o tema se expandiu muito, que virou “corriqueiro”⁸ em sala de aula. Flor de Lótus retrata a resposta diante da sua experiência como professora em São Paulo. Fala que os professores estão encarando com mais naturalidade, ela lembra ainda que os próprios alunos são mais abertos para ouvir os outros alunos homossexuais. Ela conta que os alunos falavam suas experiências de vida, ouviam críticas, mas sempre houve o respeito entre os alunos. Ela ainda contesta que a questão das regiões modificam as culturas. Segundo ela:

[...] os professores estão encarando com mais naturalidade, vejo que os alunos estão mais abertos porque já trabalhei no ensino médio em São Paulo e lá o terceiro ano do ensino médio já encaravam com naturalidade esse assunto, tinham liberdade em expor a intimidade e aceitavam críticas, porque a partir do momento que você está expondo a sua intimidade, você dá o direito a receber críticas e eles aceitaram numa boa. (Flor de Lótus).

Rosa Branca é mais enfática em dizer que os professores apenas falam que não pode existir o preconceito, e que nenhum profissional se aprofunda para desconstruir esta imagem do mesmo, (*[...] apenas falam que não pode existir, e não existe uma explicação concreta. Rosa Branca*). Rosa Amarela menciona seu tempo de trabalho onde percebeu inúmeras vezes que o professor ao saber que terá um aluno homossexual fica temeroso de como lidar com ele, mas com o tempo, segundo ela, se acostuma e se torna uma experiência para a vida de cada profissional.

Jasmim abarca uma visão geral que considera a homofobia como bullying, e que, se o professor presenciar esta situação, ele vai intervir e resolver da melhor forma. Nigella e Azaleia em suas respostas evidenciam suas opiniões em que alguns

⁸ Usual; comum, trivial.

professores respeitam o tema, e outros ignoram. Nigella enfoca que por ser a escola um lugar público cabe a instituição trabalhar esse tema e ter algum especialista para poder ajudar o corpo docente. Azaleia faz a menção de que muitos professores não trabalham o tema por medo de sofrer “retaliação” por meio dos alunos ou da própria família, receio do que eles vão pensar e do por que o professor está trabalhando esse tema.

Ter um tempo para ensinar e aprender é uma dádiva de poucos, por isso (JUNQUEIRA, 2013) lembra que é preciso ensinar o aluno da forma que ele precisa saber, e não velar informações que impedem seu conhecimento cognitivo do tema.

Não podemos aceitar fronteiras tais como: “podemos ir até esse ponto, pois até aqui as pessoas topam”. É preciso responsabilidade pública, compromisso com a ética e o estado democrático de direito, diante dos quais nossas convicções (sejam religiosas ou políticas) não podem representar obstáculos para a construção de uma sociedade em que todos tenham direito de existir com dignidade e autonomia. [...] É preciso falar de homofobia e reconhecê-la como um problema real. (JUNQUEIRA R. D., 2013, p. 49)

Foi perguntado se já desenvolveram algum trabalho na escola sobre o tema, sendo ele conversas, oficinas e a criação de algum material. As respostas se assemelham em apenas conversas. Rosa Amarela traz consigo uma experiência em que um aluno da escola assumiu sua sexualidade e com isso houve a rejeição da família. Ela conta que trabalhou com o aluno esse tema e que chamou a família, de forma atenciosa intermediou a situação. Hoje, Rosa Amarela fala alegremente da oportunidade que teve em intervir em um caso que foi resolvido. Esse aluno (antes de se assumir) hoje tem nome social e estuda no período da noite na escola.

Cravina em sua escola nunca fez um trabalho específico. Ela conta que sempre que é trabalhado o *bullying*, os professores trabalham as relações de gênero e sexualidade. Ela alega que trabalhar esses assuntos relativiza o machismo que o aluno aprendeu em casa como filho e como integrante social. Nigella afirma que a conversa auxilia muito no entendimento dos alunos, ela menciona sempre a frase que o “diferente é normal” e que trabalhar os temas transversais da educação mostra que todos, independentemente da cor, religião, gênero têm direitos. Seguindo o mesmo pensamento que Nigella, Azaleia usa o diálogo para poder falar sobre o tema. Ela alega que, por se dar muito bem com os adolescentes, o assunto sempre é falado quando surgem dúvidas que os próprios adolescentes não

encontrem em casa. Podemos analisar a fala de Azaleia quando diz que os alunos a procuram para tirar dúvidas sobre o tema. Rosa Branca usa a conversa para desmistificar apelidos pejorativos que alunos em sala chamam os colegas, mas nunca trabalhou o tema com alunos.

Flor de Lótus, por já ter trabalhado com alunos do ensino médio, sempre abordou em suas aulas os temas transversais. Ela lembra que os temas mais polêmicos eram aqueles que os alunos debatiam e geravam entendimento. Violeta tem uma forma diferente de trabalhar este tema. Ela traz para a sala de aula pequenos textos relacionados a gênero, homossexualidade entre outros temas conexos à atualidade. A mesma fala que quando os alunos terminam de ler seus textos, a aula está aberta para que os alunos opinem e deem suas opiniões sobre o assunto. Ela enfoca aos alunos que cada um é diferente e todos devem respeitar a opinião de cada um, e que de forma dialógica vai se construindo um novo conceito sobre os temas expostos. Jasmim foi a única professora que em sua trajetória não lidou com conversa ou alguma ação sobre o tema.

A diversidade das falas aqui ditas e a semelhança da metodologia que as professoras usam, mostram que cada uma aborda o tema de forma oralizada e leituras. Isso pode remeter a forma que elas sabem lidar com o assunto como diz (MADUREIRA, 2007, p. 10) que: quando existe um trabalho de educação sexual na escola todo o corpo docente não é envolvido, e ao lidar com tais informações os professores utilizam suas experiências e opiniões pessoais. E sempre que se fala em educação sexual na escola os temas como prevenção das DSTs e a gravidez precoce sempre é enfatizado deixando a diversidade sexual em um plano secundário, isso quando não esquecido.

Este item da entrevista verificou que todas as entrevistadas nunca trabalharam o tema com profundidade. Simpósio, palestras e trabalhos nunca foram realizados por elas. Leituras de textos e conversas sobre o tema foram as únicas formas de contato que elas passaram para seus alunos. Para (JUNQUEIRA, 2013) é preciso muito mais, vai além das falas e de leituras, precisa enfrentar desafios: Formular e implementar políticas públicas educacionais voltadas para promover uma cultura de reconhecimento da diversidade sexual e de gênero em um cenário por vezes resistente à cultura dos direitos humanos.

Jasmim, Flor de Lótus e Rosa Branca expressaram em suas entrevistas que nunca foram desafiadas e não se recordam de vivenciar um caso sobre o tema da sexualidade, o que em si contraria as suposições iniciais desta pesquisa segundo as quais qualquer profissional que tenha trabalhado numa escola conseguiria lembrar situações marcantes vividas na escola relacionadas à temática da homossexualidade. Curiosamente, não obstante a afirmação segundo a qual nunca teriam sido desafiadas pela questão da homossexualidade na escola, em outras partes da entrevista elas mesmas citam situações relacionadas a homossexualidade que viveram nas escolas envolvendo alunos e suas famílias.

Nigella relata a vivência em uma creche há dois anos e expressa de forma alegre a vivência que teve com um aluno chamado Cotilédone⁹, que agia diferente em sua forma de ser, vestir e brincar.

[...] tive um aluno na creche, naquele tempo ele tinha dois anos onde o mesmo gostava de se vestir com roupas femininas. Nas festas a fantasias ele sempre se fantasiava de personagens femininos, ele amava imitar a Lady Gaga e as crianças gostavam, porque era diferente. Os pais dele o aceitavam da forma que ele agia. Tempos depois fui à creche e vi ele, já com cinco anos. Ele me disse que a turma fez uma peça de teatro e ele fez o papel da sereia e que tinha sido a professora que confeccionou a fantasia que ele usou. (Nigella)

Violeta lembra que acompanhar ao longo de um ano as transformações exteriorizadas por um aluno gay a assustou:

[...] não vamos ser hipócritas em dizer que foi tranquilo, porque pra mim foi um choque ver a mudança radical que ele passou ao longo do ano letivo, pois nós professores vimos gradativamente as mudanças acontecendo. Cada dia que você olhava, ele estava de um jeito diferente, algo que sempre chamava atenção. Nós professores também tivemos que se podar, se policiar e tentar entender. (Violeta)

Cravina muitas vezes se sentiu desafiada. Ela conta a história que há quatro anos, quando diretora, acolheu um aluno chamado Broto¹⁰ em sua sala. O mesmo desabafou dizendo que se sentia diferente dos outros meninos e achava que era gay. Ele admirava muito o professor de dança e por este motivo queria ser bailarino. Em conjunto com o professor de dança, os três conversaram com o aluno sobre a escolha que iria tomar, que ele precisaria transpor barreiras do preconceito mediante a escolha que ele queria tomar. Dia seguinte a mãe e o aluno apareceram na escola

⁹ Nome fictício.

¹⁰ Nome fictício.

aonde Cravina conduziu a conversa aconselhando mãe a entender o filho e sempre estar do lado do filho. O tempo passou e Cravina viu o aluno da história neste ano uns dias antes da entrevista. Ela relata que viu ele de mãos dadas com uma menina e complementa sua fala dizendo: [...] *Talvez naquele tempo fosse apenas um conflito pessoal momentâneo, uma crise de identidade. (Cravina).*

O texto apresenta um relato de conflito passional. O aluno em seu interior não queria reprimir o desejo de viver uma vida que perante a família era avaliada como anormal, por isso olhou na escola como um local para tirar suas dúvidas e pedir esclarecimento e orientação. (MADUREIRA, 2007, p. 62) Descreve que a escola enquanto instituição social apresenta um papel fundamental na formação das novas gerações. Já (LOURO, 2000, p. 16) Complementa que por muito tempo e até os tempos contemporâneos a escola cria um processo de normatização do sujeito (produção de sujeitos normais), mas não são todos os alunos que são inseridos nas normas que engloba identidades hegemônicas sendo ela heterossexual.

Azaleia e Rosa Amarela relataram uma mesma situação há quatro anos. Ambas estiveram junto à coordenação da escola como equipe pedagógica e conversaram com um aluno que tinha recém assumido sua homossexualidade. Azaleia diz que hoje esse aluno possui nome social e foi um aluno que em particular levou-a a pensar sobre a homossexualidade.

Os discursos sobre as sexualidades, e mais especificamente as homossexualidades, são atravessados pelas preocupações com o Brasil. A sociedade brasileira, ao longo da sua história, é fortemente influenciada por um discurso científico modernista, construiu inúmeras classificações que levaram a sua divisão hierárquica. A ordenação da sociedade em categorias e classificações teve pontos referenciais e foi também estabelecida pela nossa colonização judaico-cristã, branco-europeia, masculino heterossexual e família patriarcal. Assim, a centralidade social era estabelecida por essas identidades e todos e qualquer sujeito fora desta estrutura estariam na margem social, sendo visualizados como marginais e podendo viver sob as marcas dos estigmas. Ancoradas nesta ideia, as categorias de avaliação de sujeitos e os grupos cumprem a função de confirmar a “normalidade” e “superioridade” de uns e a “anormalidade” e “inferioridade” de outros (CAETANO, 2013, pp. 61-62)

O ser humano como um ser inserindo na sociedade foi exposto ao que Caetano chama de classificações de uma divisão hierárquica. Essas marcas e limites de expressões difundem o conhecimento de se trabalhar com os alunos esse tema de forma natural, sem que os professores temam e tenham receio de ensinar.

Por esse motivo coube o próximo parágrafo perguntar sobre as questões da homossexualidade no ato de ensinar dos professores.

Neste dia um aluno que já tinha sido chamado à atenção por outros professores devido a sua conversa e bagunça em sala me “tirou do sério”. Tudo começou quando entrei na sala e o mesmo não estava sentado na sua carteira e sim sentado no chão jogando cartas. Pedi ao mesmo que voltasse ao seu lugar, mesmo reclamando sobre a ordem que foi lhe imposta ele foi para a sua carteira. Neste dia os alunos tinham uma atividade do livro. Uma análise da música “Asa branca” de Gonzaguinha que retratava a seca do nordeste. Um aluno me chamou para poder ajudar a esclarecer uma dúvida sobre a letra da música que possuía erros de português (variantes regionais), pois o mesmo não tinha ainda o esclarecimento que a música possuía em sua composição a forma real que os nordestinos falam. Ao voltar para frente reparei que o aluno que chamei atenção no início da aula não estava no lugar dele, olhei para trás e lá estava ele trocando cartas com colegas. No mesmo instante o chamei pelo segundo nome, na qual ele olhou para mim e falou que não gostava de ser chamado assim. Meio sem entender fui até a carteira dele e perguntei o porquê do mesmo não gostar do segundo nome, ele me explica que é o nome do tio dele. Ainda fiquei sem entender o motivo de não gostar, pensei que talvez seja porque o tio era falecido, e o mesmo sentia muita falta. Sensibilizado com a situação fui até ele novamente e pedi desculpa, o mesmo falou que era para ficar tranquilo era só por que o tio é “viadão” e por isso não gostava. Ao ouvir isso todos da sala riram. (Diário de campo, 21 de setembro de 2016).

Para o aluno, ter um tio gay é motivo de vergonha, vergonha essa, trazida por uma sociedade heteronormativa construída nos padrões que (CAETANO, 2013, p. 62) cita “A ordenação da sociedade em categorias e classificações tiveram pontos referenciais e foi também estabelecida pela nossa colonização judaico-cristã, branco-europeia, masculino heterossexual e família patriarcal” e o que não estiver neste quadro é vergonhoso e desprezível.

Cravina afirma que os profissionais da educação sempre serão desafiados a pensar sobre as questões da homossexualidade e agirem de alguma forma, por isso a importância de buscar informações em cursos. Nesta questão ela retoma como exemplo o caso do Broto. Ela alerta que conversar com esse aluno não deve ser de uma forma simples, deve ter cautela e muita serenidade.

“[...] O que é mais delicado e quando iremos conversar com os alunos que não têm maturidade, temos que ficar muito atentos ao que falamos”. No caso do aluno, eu fui falando de uma maneira sutil, explicando para ele que ele iria enfrentar problemas, barreiras na comunidade por ele ser quem ele queria ser. Falei que ele iria enfrentar preconceito da família e se estava preparado para isso! (Cravina).

Azaleia sempre aceitou a diversidade na escola ou qualquer outro lugar e fala que sempre teve essa percepção porque seus alunos sempre falavam sobre o tema. Por este motivo sempre teve uma boa aceitação sobre o tema. Rosa Branca já pensou sobre essas questões presenciando conflitos internos (pessoais) de alunos. Violeta diz que sim e elenca a história do aluno Seiva. Ela acrescenta que foi uma experiência única e inesquecível por vivenciar algo diferente do que foi ensinada.

Jasmim cita uma história que aconteceu com ela há um tempo. Conta de um aluno que usava os objetos de esporte como se fosse objetos para a dança. Ela elaborou em seu planejamento dois grupos, os grupos dos que fariam um time e outro grupo de animadores com coreografias (estilo americano). Jasmim lembra que seu planejamento foi efetuado, porém não teve o resultado que ela esperava. Ela disse que não fica triste pelo ocorrido, porque em seu planejamento incluiu todos, atendendo às vontades de cada aluno.

... Já tive um aluno que todo o material que ele tinha na mão ele girava, por exemplo, os tacos de hockey ele sempre estava girando fazendo coreografia, porque o sonho dele era dançar numa banda. E sempre falava para ele que não era material para o devido fim, então fiz uma proposta para ele se juntar com as meninas e fazer uma coreografia. Entreguei na mão dele bambolês e outros materiais específicos para coreografia, porém o aluno e as meninas não se entenderam e não fizeram nada, no meu ponto de vista pedagógico tiveram a oportunidade. (Jasmim).

Podemos ver que a fala de Jasmim foi contraditória. Pois nos parágrafos anteriores Jasmim informa que nunca foi desafiada e não se recordava de vivenciar um caso sobre o tema da sexualidade, vemos acima uma atitude que Jasmim tomou em relação ao aluno. O (dicionário online de português) destaca que desafio é um: Ato de instigar alguém para que realize alguma coisa, normalmente, além de suas competências ou habilidades. Diante deste conceito percebemos dois pontos. Primeiro: Jasmim desafiou a si mesma, em usar de suas aulas um lugar de inclusão de modalidades que agrada todos os gostos. O segundo ponto foi desafiar o aluno a fazer o que ele queria fazer.

Nesta pesquisa apenas Rosa Amarela e Flor de Lótus disseram que nenhum aluno em particular levou-as a pensar sobre essas questões. Rosa Amarela alega que desde pequena sempre buscou conhecimento sobre o tema porque sua irmã mais velha é homossexual. Já Flor de Lótus respondeu que no início de sua carreira como professora ela estava na função de apoio de aprendizagem, que era uma

função em trabalhar os temas transversais, sendo eles assuntos polêmicos. Por esse motivo ela sempre pesquisava e trabalhava com esses temas incluindo o tema da homossexualidade.

Nigella cita a história de Cotilédone (nome fictício). “[...] *eu ouvia os professores dizendo que ele tinha dificuldade de aprendizagem e como profissional da educação, acredito que o motivo é por ele é discriminado na escola*” (Nigella). A fala de Nigella mostra um dos meus objetivos em nortear e pesquisar, a ação dos profissionais da educação a respeito desse tema. A preparação dos professores em averiguar o porquê do aluno estar com dificuldade de ensino. No caso de Cotilédone, por ser do sexo masculino, mas suas ações, vestimentas faziam parte do gênero feminino, o que deixava os professores receosos. Ela ressalta em sua fala que a ação do professor pode mudar para o bem ou para o mal a vida do aluno.

Nigella faz um comentário digno de sua profissão em relação a Cotilédone: “[...] *Outrora sempre via ele fechado no “seu mundinho”. Graças a Deus eu não me assustei pelas atitudes dele, mas fiquei em choque por ver os profissionais e até mesmo eu em não saber lidar com esse tipo de situação*” (Nigella). *Diante de todos os professores Cotilédone tem dificuldade de aprendizagem. Para (MADUREIRA, 2007, p. 87) deve haver uma busca de soluções em conjunto e sem prescrição de “receitas genéricas” onde as manifestações de angustias em relação ao aluno seja adotada, e que as providências sejam exercidas. (MADUREIRA, 2007, p. 93) deixa claro que não basta a simples transmissão de conhecimentos teóricos provenientes de estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade, é necessário ir além, abrir espaços no interior das escolas e problematizar os sentimentos, resistências e preconceito sobre a temática.*

4.2 A HOMOSSEXUALIDADE E A HOMOFOBIA SEGUNDO OS PROFESSORES.

Como dissemos antes, a homossexualidade existe na escola como existe na sociedade. A homofobia também. Existe na sociedade e é reproduzida dentro dos

muros da escola. Durante as entrevistas uma interrogação pedia que as professoras expusessem como encaravam a homofobia e a homossexualidade. 100% das entrevistadas são contra a homofobia, não concordando com as mortes e a violência ocasionadas pela mesma. Cravina adentra primeiramente no assunto da homofobia, ela explica que as pessoas preconceituosas são despreparadas e não têm o entendimento do assunto. Ela acrescenta em sua fala que as pessoas não sabem o sofrimento que a pessoa passa em assumir, não sabem que a pessoa vai transpor barreiras em relação à sexualidade dela.

[...] A vida é sua, a opção é sua e todos nasceram para ser feliz. Não é porque um filho homem ou uma filha mulher resolveu assumir a sua sexualidade, vai deixar de ser um bom filho, um bom profissional, um bom amigo e um bom professor. Isso não vai influenciar em nada, pra mim o que conta é o ser humano. (Cravina).

Cravina desmistifica em sua fala o real motivo que a sociedade (pessoas preconceituosas) acha que quando a pessoa assume sua real sexualidade, ela muda sua forma de ser, e assim se tornando um ser imoral. Violeta segue o mesmo raciocínio que Cravina, onde o respeito deve haver e que a homofobia está fora de cogitação. Azaleia frisa sua resposta sobre a homofobia baseada no respeito. Ela alega que as pessoas não precisam aceitar, mas que saibam respeitar o diferente do que elas acham que é o certo. Quando questionada sobre a homossexualidade, Azaleia deixa visível sua aceitação, ela relata que em sua família teve um caso onde um familiar assumiu a sexualidade e que para ela foi um choque de realidade, mas depois foi aceitando. Ela complementa sua fala que a resistência maior sobre a aceitação do fato foi pelo que as pessoas iriam falar. A fala de Azaleia explicita muito bem a forma que a sociedade conservadora defende em que menino casa com menina e não existe espaço para outro tipo de relacionamentos.

Flor de Lótus encara a homossexualidade com naturalidade, segundo ela a sociedade está encarando com mais respeito, entendendo que todos têm os mesmos direitos e deveres como cidadãos. Ela lembra que há pesquisas que falam que o motivo da homossexualidade vem da mutação de um gene. Mas ainda não é nada comprovado. Quando mencionada sobre a homofobia ela faz a seguinte pergunta: “Quem é a pessoa para julgar a outra?”. Ela ressalta que as pessoas precisam respeitar o próximo independente das escolhas destas pessoas.

Essa multiplicidade de entendimentos sobre a origem da homossexualidade é uma constante e foi também discutido no artigo do antropólogo (FRY, 1985) que sublinha como tanto a explicação biológica quanto a psicossocial têm representantes na ciência que as “comprovam cientificamente”.

Cabe, entretanto perguntar, não obstante ou à parte dessas polêmicas: precisamos de uma “explicação” para a homossexualidade para que adotemos uma prática anti-homofobia nas escolas? Nós professores e professoras precisamos de uma (impossível) resposta definitiva e consensual da parte de cientistas e religiosos à pergunta sobre o porquê da homossexualidade para promovermos direitos de homossexuais nas escolas, ou uma educação para relações de gênero igualitárias e não opressivas? Uma escola inclusiva depende de uma explicação para a homossexualidade?

Nigella faz uma bifurcação em sua fala sobre a homossexualidade, ela alega que é uma opção de cada um e diz que uns nascem e outros escolhem por decepção amorosa em antigos relacionamentos. Tais argumentos que Nigella trouxe são fundamentados pelas falas de pessoas com as quais Nigella convive e que alegaram esta hipótese. Sobre homofobia ela demonstra desgosto sobre e qualquer tipo de preconceito. Ela alega que sofre preconceito por estar acima do “peso ideal”. Ela cita uma situação que no ônibus um moço falou para ela que deveria pagar duas passagens. Nigella alega que ouvir qualquer tipo de ofensa independente de qualquer rótulo denigre a moral de qualquer ser humano.

Rosa Amarela afirma ter amor e admiração pelas pessoas que assumem a sexualidade, admira a luta que cada um passa para viver o que é de sua natureza. Ela relaciona esse seu sentimento ao fato de desde pequena ter convívio com homossexuais. Sua irmã é casada com outra mulher há mais de 25 anos e sempre a irmã levava amigos em sua casa. Quando se fala em homofobia, ela diz que sua maior luta como pedagoga é contra qualquer tipo de preconceito. Rosa Branca elenca a fala de muitas pessoas a respeito de homossexuais que falam que são diferentes e anormais e precisam de atenção. Para ela homossexuais são pessoas iguais a todos, e que não são anormais. Ela lembra que devem ser respeitadas por suas escolhas como qualquer escolha que um heterossexual faça. E que a

homofobia, da mesma forma que qualquer outro tipo de discriminação, é lamentável ver que exista ainda.

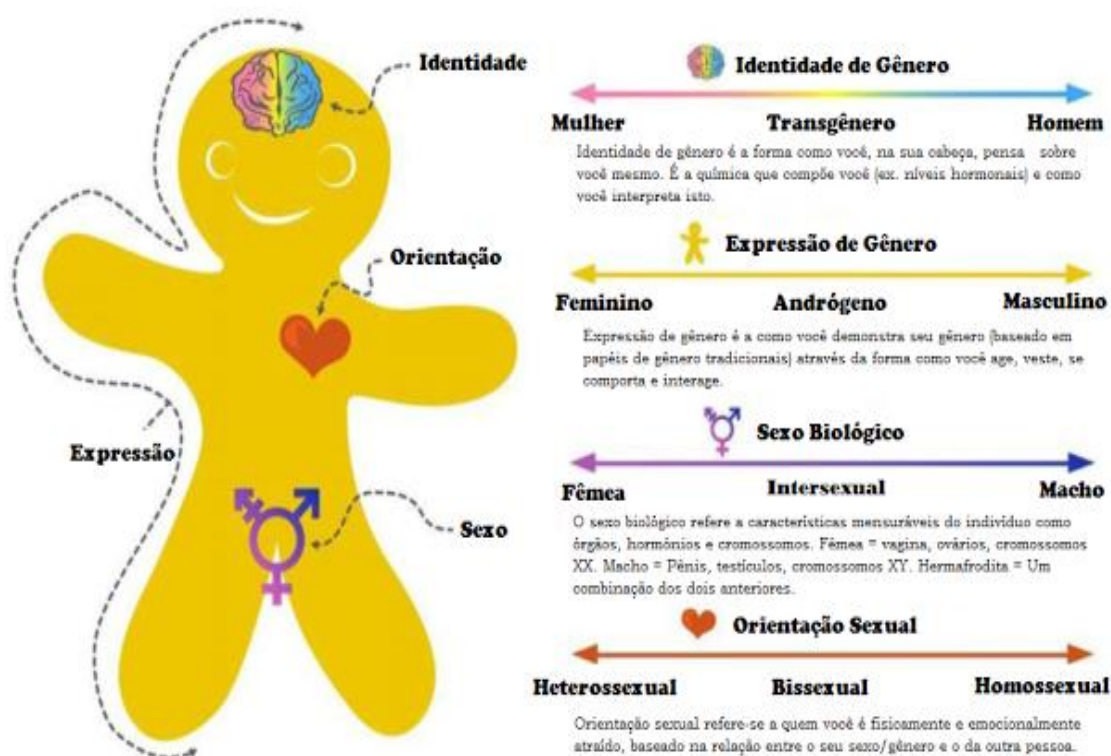
Jasmim em sua resposta abre amplamente sua visão sobre a homossexualidade. Para ela, o ser homossexual é um indivíduo que é rotulado pela sociedade sendo exposto como “ridículo”. Ela acrescenta que as pessoas que usam apelidos e falas pejorativas a respeito da homossexualidade são pessoas sem conhecimento ou base teórica. Jasmim cita um exemplo que teve em uma escola onde uma professora disse que estava grávida de um menino e que todos iam dar a ela presentes e roupas de acordo com o sexo biológico, Jasmim de forma cautelosa falou: “[...] *que aparentemente será um menino, mas ninguém sabe a opção que ele vai escolher futuramente. O biológico ela vai saber, porém o futuro ele que vai decidir. (Jasmim).*” A fala de Jasmim vem de encontro com o conceito de gênero e sexualidade que o “biscoito da sexualidade” (VIERA & PIRES, 2015) ilustra o seguinte conceito. Segundo este conceito o sexo biológico é a genitália macho/fêmea que é visível, e no exemplo de Jasmim a mãe sabia o sexo do bebê. Apenas não irá saber futuramente a orientação e a própria identidade de gênero que o bebê vai escolher.

Segundo Jasmim é totalmente errado colocar em cima de uma criança as expectativas que uma sociedade normativa ensinou. Ela dá outros exemplos que realmente acontecem no nosso cotidiano a respeito de gêneros e suas atribuições:

[...] aquele pai que nunca jogou futebol e quer que o filhinho vá pra escola de futebol e o filho não tem afinidade com a bola, porém o pai quer que ele vá e joga futebol porque o pai nunca jogou futebol, então o pai vai transportar para o filho certas expectativas que a criança vai ficar frustrada. (Jasmim).

Jasmim reconhece que existe a homofobia e alega que qualquer tipo de preconceito destrói o psicológico de um adolescente. Por isso ela fala que o tema *bullying* na escola deve ser tratado abarcando todos os temas que denigrem a ética e moral dos alunos.

Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade:



Fonte: biscoito da sexualidade; conceito básico sobre gênero e sexualidade. Disponível em: <https://tomandolugar.wordpress.com/2014/10/28/glossario-conceitos-basicos-sobre-genero-e-sexualidade/>. Acesso 15 de novembro de 2016.

Hoje, pedi aos alunos que criassem uma questão sobre deslocamento. Nesta questão pedi que elaborassem um enunciado com valores para poder resolver o problema em si e descobrir o deslocamento de um determinado corpo/objeto. Um aluno criou um enunciado assim: um homem estava no ponto A e andou até chegar a uma “gatinha” no ponto B. Qual foi o deslocamento do homem. Ao ler para a sala, alguns questionaram o enunciado e falaram: Mas vai que ele era gay! Vai que ele não gostava de gatinha e sim de gatinhos. O autor do enunciado falou que se ele fosse gay não seria homem e sim um gay. Os alunos, sabendo sobre minha sexualidade, perguntaram para esse aluno. “Tá então o professor não é homem?” O mesmo, envergonhado, ficou calado. Rindo perguntei para o aluno com humor e falei: pode falar, tens o direito de expressar o que você entende sobre esse assunto. Mas mesmo assim ele não falou. Então com respeito perguntei a ele se existia algo que media a masculinidade dos homens. O mesmo disse que não. Então expliquei que não é porque eu sou gay que vou ser mais ou menos homem do que qualquer outro homem. O aluno compreendeu a fala e acrescentou que para ele os gays que parecem mulheres não são masculinos. Então explanei aos os alunos a diversidade que existe no mundo LGBTQ. Falamos sobre identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e expressão de gênero. No qual os alunos compreenderam as diversidades que existem no meio LGBTQ. (Diário de campo, 24 de agosto de 2016.)

O “biscoito da sexualidade” é um ótimo instrumento de entendimento e explicação sobre os diferentes termos de sexualidade e afetividade. A explanação da imagem para os alunos é didática e de fácil compreensão.

Quando perguntada a possibilidade de seus filhos assumirem a sexualidade, Azaleia cita sua experiência como mãe. Ela abre o coração e fala que sua filha é homossexual e tem uma companheira. Ela diz que tem um bom relacionamento com a companheira da filha, mas que no começo foi um choque saber da notícia [...] *“Antes de saber da minha filha, eu sempre aceitei a homossexualidade com os outros, mas quando aconteceu com a minha família as coisas foram mais delicadas. Foi uma decepção”* (Azaleia). Segundo (CARBONIERI, 2012) a aceitação em relação a pessoas gays que não fazem parte da família é visto com respeito, mas se a situação for dentro da família, a “coisa” toma outro rumo.

Azaleia em sua fala, diz que foi uma surpresa saber da filha, e que nunca se viu na pele passar por isso. Ela sempre levou em consideração o tema quando se envolvia com seus alunos, nunca imaginou que um dia poderia ela, estar passando por uma situação que ela já lidou como profissional.

Tem haver com o que os outros vão pensar, mas também de como isso vai ser tratado. E como mãe eu não vou querer que o meu filho seja mal falado ou sendo desprezado (Azaleia).

Hoje Azaleia demonstra que conseguiu superar o susto, ela venceu os estereótipos que uma cultura heteronormativa impôs sobre a homossexualidade. Para (MODESTO E. , 2010) a superação de Azaleia é vista como uma “verdadeira operação sem anestesia”.

A experiência pessoal e familiar apareceu nas entrevistas como importante para a empatia de professoras em relação à homossexualidade. Neste ponto da discussão dos dados e bibliografia, não posso deixar de pensar em mim mesmo como um “professor da rede pública de São José” pensando sobre homossexualidade e minhas próprias relações familiares. A frase “Verdadeira operação sem anestesia” citada por Edith Modesto me marcou muito. Como filho homossexual, me recordei do sofrimento de minha mãe, pois sempre fui para ela um ótimo filho, exemplo para os irmãos, e um poço de elogio para quem me conhecia. Ao saber da minha sexualidade, ela viu todo o orgulho cair sobre terra, e esse

orgulho causou dor, que nada poderia amenizar. Tal decepção transbordou em lágrimas. Para ela, um filho homossexual não seria mais o “filho ideal”, pois não ouviria mais elogios do filho amado, acarretando não ser mais exemplo para os irmãos. Toda esta frustração acabou no momento que ela percebeu que o filho que ela tanto admirava não tinha mudado, mas sim, continuou o mesmo depois que assumiu a sexualidade.

Cravina compartilhou nesta resposta uma visão alusiva ao seu filho mais velho. “[...] *Eu já pensei nisso porque o meu filho é um menino muito lindo pra ser um homem*” (Cravina). A fala de Cravina pode ser engraçada, mas é uma realidade que as pessoas acham que homem pra ser homem não pode ser vaidoso e cuidar de seu corpo.

Cravina alega ainda que seu filho já teve várias fases em sua adolescência, ela conta que os estilos foram os mais variados em andar com calças largas, tênis grandão e aquela rebeldia de adolescente. Depois teve a fase com camisa bem colada, baby look, calça bem apertada e muito bem arrumadinho e agora está de uma maneira mais despojada. Como mãe e esclarecida sobre o assunto, ela perguntou para se ele era gay por usar roupas apertadas, e a resposta que ela ouviu foi: “A mãe está duvidando da minha masculinidade?”. Mas Cravina relatou de maneira descontraída porque a relação de mãe e filho é muito intensa, diz a profissional em educação. Ela ainda argumentou a hipótese de que, se um dia um filho assumir a sexualidade, ela irá amar e de forma alguma isso a decepcionaria. Ela ainda ressalta que preferia ter um filho gay a um bandido.

Lembro-me de uma postagem em uma rede social de um professor chamado Vitor Fernandes, que certo dia uma aluna perguntou se ele era gay. A pergunta deixou-o intrigado e ele indagou o porquê dela pensar daquela forma e ela com os outros alunos responderam:

- [...]- Uma aluna me deu mole e eu não "peguei";
 - Coloco às vezes a mão na cintura;
 - Gestos e fala característicos de homossexual (segundo dois garotos apenas);
 - Não fala de relacionamentos, namorada, nem da vida pessoal, o que fez no fim de semana, etc. E outros profs¹¹ falam...;

¹¹ Abreviação de professores;

- Sou professor novo, moderno, simpático. Isso n¹² é característica masculina;
 - Tem outros alunos comentam que eu sou gay;
 - Sou vaidoso, me cuido esteticamente.
 - Quando os alunos me perguntaram se eu era gay, não neguei agressivamente, mas debati o assunto;
- Só no final disse que não era. Não provei que era hétero mostrando fotos minha com alguma namorada, etc;
- Não sou machista;
 - Tenho 30 anos, não casei e não tenho filhos. Todas as pessoas e trinta anos que eles conhecem já casaram e tiveram filhos. Só gays chegam aos 30 sem casar;
 - Tenho amigos gays.
- Sim, a lista foi longa (rs)¹³ e os instiguei a falar tudo. Não é difícil deduzir que os pressupostos (anotados no quadro tb¹⁴) dessas falas são:
- Homem que é homem, pega aluna, não rejeita mulher;
 - Homem que é homem não coloca a mão na cintura;
 - Homem que é homem fala das mulheres que "pega", "prova" que é homem através de fotos com mulheres;
 - Professor hétero não é simpático. Simpatia não é característica masculina;
 - Homem que é homem não é vaidoso;
 - Homem que é homem nega com veemência a homossexualidade, como se fosse um crime. E é obvio que homem de verdade não debate esses assuntos, muito menos usando a si mesmo como exemplo;
 - Homem que é homem é machista.. (Fernandes, 2016)

A fala de Fernandes repercutiu nas mídias do país e fez com que as pessoas refletissem sobre a forma de ser do gênero masculino. Para (MOTTA, 2014, p. 15) as teorias de gênero propõem que se compreenda a masculinidade e a feminilidade como construções desvinculadas de uma base biológica, ou seja, não é o sexo do corpo que determina o comportamento social e sexual da pessoa. Sendo assim, o homem para ser homem precisa provar que é homem, e se tornar o Garanhão¹⁵.

Violeta respalda sua reflexão sobre a sexualidade dos próprios filhos baseada nas dúvidas que ela tem sobre filho, pois, segundo ela, o menino é muito “retraído”. Ela responde que consegue levar a vida assim, mas a partir do momento que seu filho vier, no caso, assumir a sexualidade, de repente eu seria a única pessoa da família que o apoiaria. Ela acrescenta que teria que abraçar a causa dele porque ninguém da família abraçaria.

[...] Se ele viesse com essa conversa para mim eu teria a obrigação de abraçar e não iria nem pensar no que eu acho ou deixo de achar, Isso seria

¹² Abreviação de Não em redes sociais;

¹³ Sentido de risos;

¹⁴ Abreviação de também em redes sociais

¹⁵ Homem muito dado a mulheres.

mais pela superproteção, de não querer que ele sofra preconceito e julgamento. (Violeta).

A fala de Violeta mostra o quanto de preconceito a família tem sobre o tema, por ser uma família religiosa demonstra que é uma prática abominável perante aos olhos de Deus. Edith Modesto acredita que:

A religião tem um papel importantíssimo na vida da maioria dos seres humanos. É uma pena que, em se falando de Deus, as pessoas possam ser homofóbicas! Ser religiosos dificulta muito a aceitação dos pais a filhos LGBTs. Mas, na maioria das vezes, com um trabalho de paciência e solidariedade, o amor aos filhos vence. (MODESTO, 2011)

A paciência e a solidariedade vistas na citação de Modesto mostram o amor de mãe que Violeta teria pelo seu filho caso o mesmo assumir a sexualidade ela ignoraria as falas e até mesmo o que ela pensa sobre o filho ser gay, como já visto no Blog Sapatomica (CARBONIERI, 2012) a aceitação de algum gay na outra família é muito mais simples e fácil do que no próprio vínculo genético.

Rosa Amarela responde com toda convicção que seria indiferente. E seria pacífico lidar com essa situação. Pois ele (filho) estaria sendo quem ele realmente era e não uma farsa. Jasmim tem a mesma postura de Rosa Amarela, ela apenas elenca que seu filho primeiro precisa saber diferenciar para poder escolher de acordo com a sua decisão.

Para Nigella e Flor de lótus seria “chocante” saber da notícia, mas superariam o medo de enfrentar o novo. Elas citam que nenhuma mãe sonha ou espera ansiosamente em ter um filho gay. Nigella afirma que ela como todas as mães sonham em que seus filhos lhes deem netos. Tanto Flor de Lótus e Nigella retratam em suas respostas a aceitação, amor e respeito a ter um filho gay.

Modesto caracteriza a fala de Nigella e Flor de Lótus em dois aspectos. O primeiro é em relação à mãe como um contrato pelo qual os filhos devem ser heterossexuais; este consiste em saber que os filhos homossexuais desencadeiam paixões complexas decorrentes de uma espera “Fiduciária” frustrada e de uma ausência de objeto, valor que deixa os sujeitos insatisfeitos. Essa insatisfação é decorrente a não realização de algo que ela idealizava como mulher e mãe heterossexual. O segundo aspecto é voltado ao filho. O contrato pelo qual o amor de mãe deve ser incondicional: Segundo a autora os filhos temem em perder o amor incondicional de suas mães, pois este valor é muito importante. (MODESTO E. , 2010)

As sete das oito entrevistadas dizem que não seria problema se o filho fosse gay. Com estas respostas faço uma citação da fala de Azaleia que tem uma filha que

assumiu a sexualidade, onde relatou que antes de saber da filha, aceitava a homossexualidade porque era na outra família, mas quando aconteceu com a própria família muitas perguntas foram feitas e o assunto ficou mais delicado. A pergunta a ser feita é se as sete professoras aceitariam essa condição porque nunca tiveram essa experiência que Azaleia teve em relação a sua filha?

A entrevista contou com uma pergunta questionando se as professoras aceitavam qualquer tipo de manifestação homossexual em qualquer pessoa. E se alguma coisa as incomodava nos gays. Cravina responde que nada a incomoda porque possui um irmão que é gay, e seria uma hipocrisia tratar dessa pergunta com desdém, pois o amor do irmão é muito grande. Jasmim, Rosa Branca e Flor de Lótus dizem que estão preparadas para aceitar qualquer tipo de manifestação homossexual e nada as incomoda em relação aos gays. Rosa Amarela sempre participa dos eventos que os grupos LGBT realizam, alegando a esta resposta que nada a irrita em sentimentos homoafetivos.

A resposta de Azaleia foi a que mais chamou a atenção, embora seja comum ouvir isso na escola e na sociedade, ela alega que não acha certo e não gosta dos “gays escândalos”, aqueles gays que afinam a voz, mudam de aparência para parecer do gênero oposto. Segundo ela, eles poderiam ser gays da forma que eles realmente são, isto é, sem trejeitos e exageros. Da mesma forma, numa reunião pedagógica, uma professora afirmou não ter preconceitos com homossexualidade, mas não tolera “exageros”.

Nigella e Violeta ressaltam que, independentemente de ser homossexual ou heterossexual, não gostam de ver exposição explícita de sentimento em lugares públicos.

Aceitar a diferença de outro/algo, demonstra que a cultura e as ideologias de grupos/pessoas estão sofrendo modificações positivas em um país que é conhecido como país do preconceito. O Brasil é o único país do mundo que não poderia advir esse tipo de situação pelo simples motivo histórico. A homossexualidade está no segundo lugar no ranking. A jornalista Alessandra Mello fez uma matéria para o site Em.com, nesta publicação o país registra uma morte de gays, lésbicas e travestis a

cada 28 horas. (MELLO, 2014). Por esse motivo a importância da pergunta aos profissionais da educação se algo os incomodava nos homossexuais.

Motta, em seu livro cotidiano escolar: relações de gênero e profissão docente o professor como um ser educador, portador do saber e a capacidade de ensinar deve saber aceitar qualquer tipo de manifestação. Para Motta:

Nós, educadoras e educadores, pessoas instruídas, com saberes legitimado socialmente, temos nossas próprias crenças a respeito de sexo, sexualidade e corpo – e buscamos informações na ciência, isto é, queremos trazer para a escola informações científicas sobre o assunto. Mas também temos de saber ouvir e, principalmente, aceitar diferenças. Talvez uma boa forma de melhorar a nossa escuta para com as diferenças no que tange à sexualidade e corpo seja começar relativizando nossas próprias crenças sobre esses temas. (MOTTA, 2014, p. 73)

Talvez seja este o principal desafio nesse campo de discussão para nós professoras e professores: abster- nos de opiniões sobre o que não nos diz respeito, saber respeitar o diferente, deixar de lado os preconceitos estabelecidos por nossa cultura. Saber que da mesma forma que exijo respeito, da forma que ajo, penso e falo as outras pessoas também terão esse direito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou ao fim a pesquisa que durante muitos anos da minha vida ansiei em explanar. Ex-aluno e agora professor de escola pública, averiguar o tema era algo que muito almejei. O reflexo da falta de políticas públicas relacionado à “homossexualidade VS educação” foi o que me trouxe sofrimento, culpa, dor e isolamento por não ter conhecimento e não ter nenhuma orientação sobre o que eu estava passando. De lá para cá, os tempos mudaram, a escola ainda continua sendo o início da vida social de toda criança. É neste espaço que ela será inserida a uma realidade que até o momento era desconhecida.

Minha dedicação a esta pesquisa, no entanto, foi saber se os profissionais da educação e a própria escola estão preparados para amparar, quando necessário, um aluno ou aluna que não encontra na família segurança em falar sobre o que está acontecendo. Foram meses de profundas reflexões, lembranças e uma experiência impagável pela oportunidade de ouvir, ler e entender as visões que os docentes pensam sobre a homossexualidade no âmbito escolar.

A pesquisa propiciou o contato com oito professoras que se dispuseram a participar desta pesquisa para expor suas percepções e experiências sobre o tema. Nesta profissão a exaustão decorrente a uma longa jornada de trabalho, muitas vezes (sempre) com dupla jornada para mulheres, o dever de ajudar os alunos com suas dificuldades torna esta profissão a mais importante, mesmo com a pouca valorização e má remuneração aos que alicerçam o conhecimento do futuro da pátria.

Questionar as professoras e viver um diário de campo etnográfico me mostrou que ainda existem muitas contradições em relação aos desafios sobre a homossexualidade. Mostrou-me que para alguns docentes não é desafio abordar o tema, mas o próprio desafio é citado por outros. Muitas vezes o conhecimento específico do assunto não é o que tange a ciência do professor em sua bagagem como educador. Ter a mínima informação do que é adquirido através da mídia, igreja, redes sociais e família para muitos é o suficiente para poder instruir aos alunos que o respeito às diferenças deva existir.

É visto que as formações sobre o assunto são importantes; capacitar os docentes é a base das mudanças que ansiamos, mas devido às jornadas extensas, à falta de tempo é a lacuna que separa o docente da oportunidade de se capacitar.

Em minha visão como professor há quatro anos, e acadêmico de uma pós-graduação sobre diversidade e gênero focando na homossexualidade, as dúvidas dos alunos não são respondidas em sala de aula porque os temas transversais não são trabalhados ou então os professores desconhecem respostas para as perguntas dos alunos.

Esta caminhada ainda de receios que existem sobre o tema mostra a realidade das escolas não só de São José, mas sim de qualquer outra instituição educacional que o tema é somente abordado quando há algum problema relacionado à homossexualidade, mas quando não existe o motivo, o assunto não é “colocado na roda”.

6 BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, C. M. (2003). *Psicologia escolar e o desenvolvimento de competências: uma opção para a capacitação continuada*. Brasília: Tese de doutorado, instituição de psicologia da universidade de Brasília.
- BEZERRA, R. d. (2011). *DISCRIMINAÇÃO POR ORIENTAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS: UM PANORAMA DA LEGISLAÇÃO, JURISPRUDÊNCIA E AÇÕES AFIRMATIVAS NO BRASIL*. Salamanca.
- BORILLO, D. (2009). A Homofobia. In: T. LIONÇO, & D. DINIZ, *A Homofobia & Educação Um desafio ao silêncio* (pp. 15-16). Brasília: UnB.
- Brasil país do Preconceito, veja as classes que mais sofrem*. (s.d.). Acesso em 16 de Novembro de 2016, disponível em mundos Brasil: <http://www.mundosbrasil.com.br/2014/09/brasil-pais-do-preconceitoveja-as.html>
- BRAULINO, P. (2 de Julho de 2011). *Você não precisa aceitar!!! Basta respeitar...* Acesso em 17 de Novembro de 2016, disponível em compositor paulo braulino : <http://compositorpaulobraulino.blogspot.com.br/2011/07/voce-nao-precisa-aceitar-basta.html>
- CAETANO, M. R. (2013). Rompendo fronteiras e problematizando as diferenças sexuais. In: P. R. Ribeiro, & R. P. Quadrado, *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar* (pp. 61-62). Rio grande: FURG.
- CAPRAS, J., & BERGAMO, M. (2010). *Evas e Brasil colonial*. Acesso em 05 de Novembro de 2016, disponível em univar: <http://www.univar.edu.br/revista/downloads/evasesemarias.pdf>
- CARBONIERI, B. (27 de Outubro de 2012). *O pior dos preconceitos: o da família!* Acesso em 16 de Novembro de 2016, disponível em Sapatomica: <http://sapatomica.com/blog/2012/10/27/o-pior-dos-preconceitos-o-da-familia/>
- dicionário online de português*. (s.d.). Acesso em 19 de Novembro de 2016, disponível em dicionário online de português: <https://www.dicio.com.br/desafio/>
- FERNANDES, F. B. (2012). POR UMA GENEALOGIA DO CONCEITO HOMOFÓBIA NO BRASIL: DA LUTA POLÍTICA LGBT À UM CAMPO DE GOVERNANÇA. *Passages de Paris (APEB-Fr)*, 1, 97-104.
- FERNANDES, V. (19 de Setembro de 2016). *Professor, O senhor é Gay?* Acesso em 16 de Novembro de 2016, disponível em Facebook: <https://www.facebook.com/vitor.fernandes.7355/posts/1133787830047987>
- FILHO, A. d. (s.d.). *TEORIAS SOBRE A GÊNESE DA HOMOSSEXUALIDADE: IDEOLOGIA, PRECONCEITO E FRAUDE*. UFRN.
- FRY, P. (1985). *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural.
- FUCUTA, J., & COIMBRA, C. (2014). *Designer de causas. Você tem medo do quê?*
- HERNÁNDEZ, C. (14 de Outubro de 1999). *Juventude Gay e Lesbica*. Paris.
- JUNQUEIRA, R. D. (2013). Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de todos. In: P. R. Ribeiro, & R. P. Quadrado, *Corpos, Gêneros e Sexualidades: Questões possíveis para o currículo escolar*. (3ª ed., pp. 49-50). Rio Grande: FURG.
- JUNQUEIRA, R. D. (2013). Escola e o enfrentamento à homofobia: Pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de todos. In: *Corpos, gêneros e sexualidades questões possíveis para o currículo escolar* (3ª ed., pp. 51-56). Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil: Editora da FURG.

- LASSO, P. (1981). Antropologia cultural e homossexualidade: Variantes do comportamentosexual, culturalmente aprovados. In: M. Vidal, J. Gafo, J. M. Martos, P. Lasso, G. Ruiz, & G. Higueira, *Homossexualidade: Ciência e consciência* (p. 33). Santander, Espanha: Sal Terrae.
- LOURO, G. L. (1999). *Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica.
- LOURO, G. L. (2000). *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MACHADO, M. d. (1996). *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera familiar*. Campinas: ANPOCS.
- MADUREIRA, A. d. (2007). *Gênero sexualidade e diversidade na escola: A construção de uma cultura democrática*. Brasília: UnB.
- MADUREIRA, A. d. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Brasília: UnB.
- MADUREIRA, A. d. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Brasília: UnB.
- MADUREIRA, A. d. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: A construção de uma cultura democrática*. Brasília: UnB.
- MADUREIRA, A. d. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: A construção de uma cultura democrática*. Brasília: UnB.
- MALINOWSKI, B. (1977). *Os argonautas do Pacífico Ocidental. Introdução: Tema, Método e Objetivo desta investigação*. São Paulo: Abril Cultural.
- MARTON, F. (31 de Outubro de 2016). *Encontrada a marca genética da homossexualidade*. Acesso em 18 de Novembro de 2016, disponível em Super Interessante: <http://super.abril.com.br/ciencia/encontrada-a-marca-genetica-da-homossexualidade/>
- MELLO, A. (22 de Setembro de 2014). *Brasil amarga o preço da intolerância e lidera ranking de violência contra homossexuais*. Acesso em 17 de Novembro de 2016, disponível em em.com: http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna_nacional,571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contra-homossexuais.shtml
- MODESTO, E. (29 de Março de 2010). *Após descobrir um filho gay, há fase de luto, diz autora de "Mãe Sempre Sabe?"*. Acesso em 16 de Novembro de 2016, disponível em Uol: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u713719.shtml>
- MODESTO, E. (2010). *Homossexualidade preconceito e intolerância*. São Paulo.
- MODESTO, E. (8 de Novembro de 2011). Edith Modesto: “O ‘politicamente correto’ mascara a homofobia”. (W. D. Lucca, Entrevistador)
- MOTTA, F. D. (2014). *Cotidiano escolar: relações de gênero e profissão docente*. Palhoça: UnisulVirtual.
- MOTTA, F. D. (2014). *Cotidiano escolar: relações de gênero e profissão docente*. Palhoça, Santa Catarina, Brasil: UnisulVirtual.
- MOTTA, F. D., VENCATO, A. P., & VIERA, R. S. (2014). *Cotidiano escolar: relações de gênero e profissão docente*. Palhoça, Santa Catarina, Brasil: UnisulVirtual.
- NISHIMURA, K. M. (2004). *Conservadorismo Social: Opiniões e Atitudes no Contexto da Eleição de 2002*. Campinas: Opinião Pública.
- NORONHA, C. U. (2012). *TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO*. Goiânia: FRAGMENTOS DE CULTURA.
- OLIVEIRA, S. R. (2004). *Homossexualidade*. Coimbra.
- PARRODE, A. (05 de Novembro de 2015). Rejeitado pela família, jovem gay de 16 anos se mata em SP.

- PICAZIO, C. (2010). *Uma outra verdade. Perguntas e repostas para pais e educadores sobre homossexualidade na adolescências*. São Paulo: ABDR.
- PICHONELI, M. (27 de Março de 2014). *Metade da população aceita direitos de gays, mas não fora do "armário"*. Acesso em 18 de Novembro de 2016, disponível em Carta Capital: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/populacao-aceita-direitos-de-gays-mas-nao-fora-do-armario-3027.html>
- RAMOS, L. (2014). *Você tem medo do quê? _um estudo inédito entre jovens brasileiros sobre o medo entre homossexuais e heterossexuais*. Acesso em 18 de Novembro de 2016, disponível em design de causas: http://www.designdecausas.com.br/files/pesquisa_medo.pdf
- SANTOS, V. d. (2012). *HOMOSSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR* (2 ed., Vol. 1).
- SIMÕES, J. A. (2005). Prefácio. In: R. Facchini, *Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidade coletivas nos anos 90* (pp. 13-17). Rio de Janeiro: Garamond.
- Suicídio entre jovens LGBT*. (11 de Agosto de 2016). Acesso em 13 de Novembro de 2016, disponível em Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Suic%C3%ADdio_entre_jovens_LGBT
- VARELLA, D. (18 de Abril de 2011). *CAUSAS DA HOMOSSEXUALIDADE*. Acesso em 18 de Novembro de 2016, disponível em Drauzio Varella: <https://drauziovarella.com.br/sexualidade/causas-da-homossexualidade/>
- VIERA, M., & PIRES, R. O. (2015). Diversidade sexual e atenção à saúde: os dilemas de um campo em (perpétua) (des)construção. In: O. R. GARCIA, M. C. LAGO, & P. R. MAGRINI, *Sexualidades: Dimensão conceitual* (pp. 10-21).
- VIERA, M., & PIRES, R. O. (2015). Diversidade sexual e atenção à saúde: os dilemas de um campo em (perpétua) (des)construção. In: M. P. GROSSI, O. R. GARCIA, & P. R. MAGRINI, *Sexualidade: dimensão conceitual* (pp. 11-21). Florianópolis: Miriam Pillar Grossi, Olga Regina Zigelli Garcia, Pedro Rosas Magrini.

7 ANEXOS

ANEXO - I : FICHA DE IDENTIFICAÇÃO E PERGUNTAS

Nome: _____
Idade: _____
Sexo/Gênero: _____
Raça: _____
Formação: _____
Anos de Magistério: _____
Naturalidade: _____
Estado civil: _____
Filhos? _____

Perguntas de pesquisa

- 1-Como você acha que a questão da homossexualidade vem aparecendo na escola?
- 2-De onde você acha que vêm, em geral, as informações dos professores sobre o tema da homossexualidade (mídia, formação, igreja, família, etc.)
- 3-Como os professores enfrentam essa questão na escola.
- 4-Você já desenvolveu algum trabalho na escola a respeito - seja conversas, oficinas ou a produção de algum material?
- 5-Na sua escola tem acontecido problemas relacionados a isso?
- 6-Você já foi desafiado por essas questões como profissional? Lembra-se de situações marcantes?
- 7-Algum aluno/a em particular lhe levou a pensar essas questões. Como você agiu?
- 8-Como você encara a homossexualidade e a homofobia?
- 9-E se seu filho for homossexual?
- 10-Você se acha preparado para aceitar qualquer tipo de manifestação de homossexualidade em qualquer pessoa. (alguma coisa te incomoda nos gays?).
- 11-A escola ou os profissionais da escola estão preparados para lidar com essas questões?
- 12-Você tem conhecimento da participação desses nas diversas formações que vem sendo oferecidas?
- 13-E você? Já se interessou pelo tema a ponto de buscar a formação a respeito de gênero?

Anexo – II TERMO E CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome: _____,

Idade: _____ anos, foi esclarecido sobre o trabalho intitulado: “**A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE DOS ALUNOS**”, da autoria de **Cleiton Manoel Ferreira** sob a orientação da professora **Dra. Flávia Mattos Motta**.

Esta pesquisa tem por objetivo: Investigar a percepção que os professores da rede pública de São José têm sobre a *homossexualidade dos alunos*.

Estou ciente que para participar deste estudo terei responder uma entrevista, e não terei minha identidade revelada. Fui esclarecida também que poderei, a qualquer momento em que eu desejar, desistir de minha participação sem sofrer nenhum tipo de consequência por esta decisão. Também fui informada que se precisar de maiores informações sobre esta pesquisa poderei obtê-las entrando em contato com o orientador ou o pesquisador. Este estudo tem caráter científico e meus dados pessoais serão mantidos em sigilo sendo garantido meu anonimato. Minhas respostas apenas serão utilizadas para os propósitos deste estudo. Estou ciente de que minha participação é totalmente voluntária e não terei direito a remuneração.

Florianópolis, ____ de _____ de 2016.

Nome do Pesquisador: Cleiton Manoel Ferreira

Nome do orientador: Flávia Mattos Motta

Telefone e e-mail para contato: telefone: (48) 98624825 e-mails: clei.mf@hotmail.com

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____